



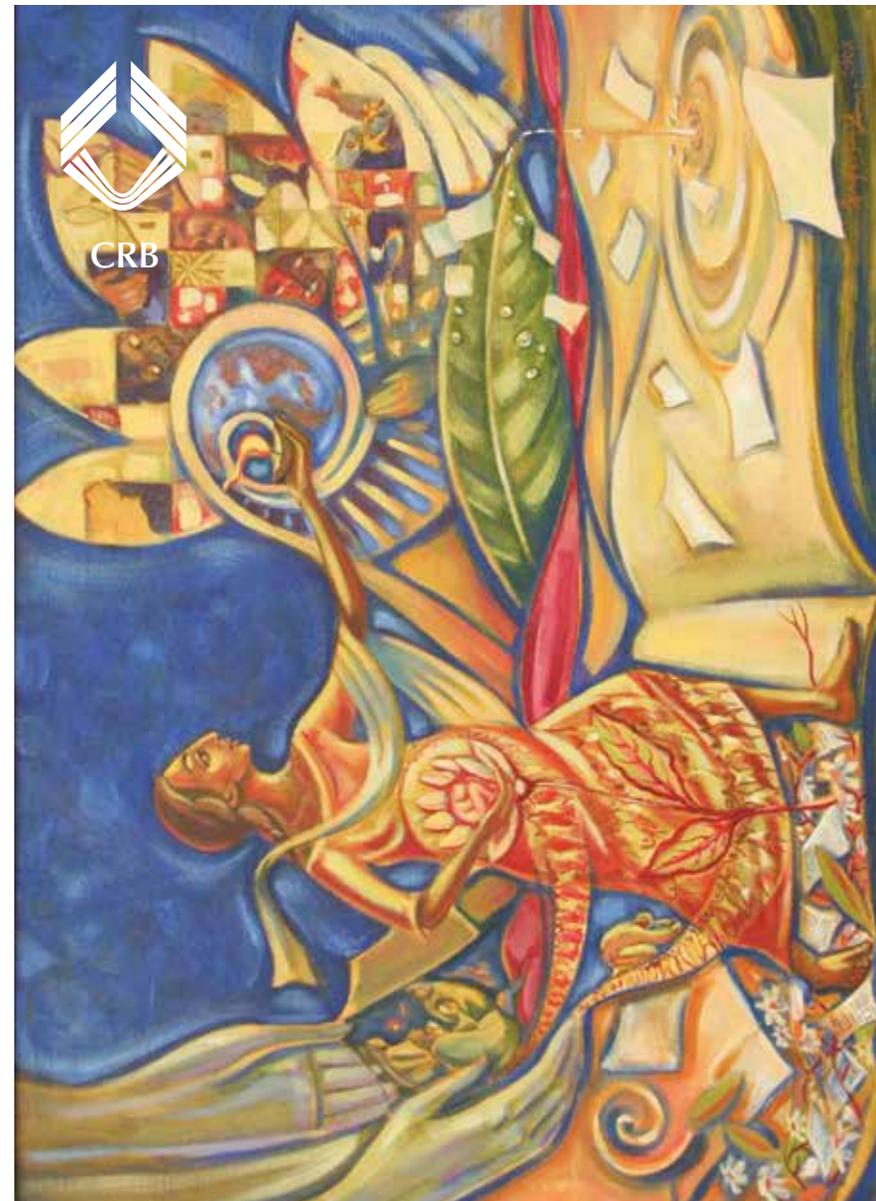
Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.



- A leitura da Bíblia na ótica dos povos da Amazônia
- JONAS: Profeta ou antiprofeta?
- Resgatando São João para uma espiritualidade libertadora

Sumário

Editorial

Na Palavra de Deus o dinamismo que constrói o Reino..... 505

Informes

1º Acampamento da Vida Religiosa Consagrada Mineira 508

Palavra da Igreja

A ação política..... 529

Mensagem dos Bispos do Brasil sobre a Palavra de Deus
e a Animação Bíblica de toda a Pastoral 531

Artigos

A leitura da Bíblia na ótica dos povos da Amazônia
SANDRO GALLAZZI..... 535

JONAS: Profeta ou antiprofeta?
FRANCISCO OROFINO E CARLOS MESTERS 552

Resgatando São João para uma espiritualidade libertadora
RONALDO L. COLAVECCHIO 564



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Maria Juçara dos Santos, fdz
MTb 8105

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, stt

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitorio, sj

Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato

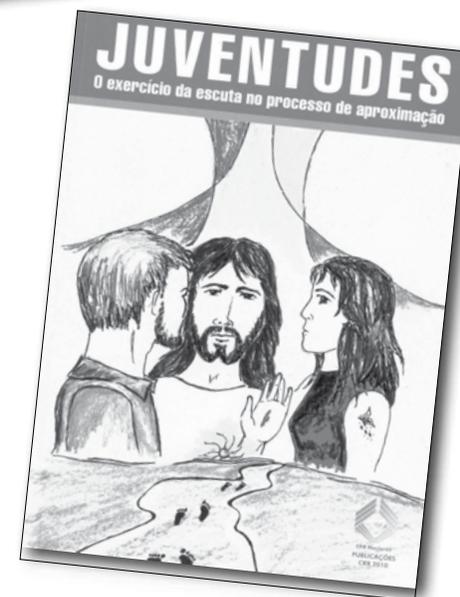
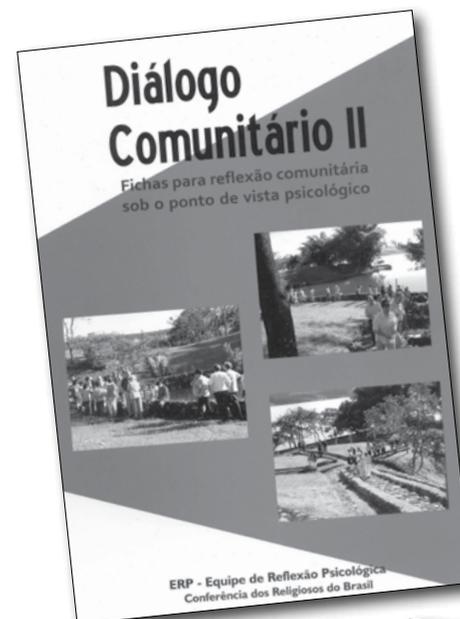
Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2010: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

Publicações da CRB



Faça seu pedido:
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília – DF
E-mail: crb@nacional.org.br

Na Palavra de Deus o dinamismo que constrói o Reino

505

EDITORIAL

“Foi o Espírito Santo quem iluminou a Palavra de Deus, com nova luz, para os fundadores e fundadoras. Dela brotou cada um dos carismas e dela cada Regra quer ser expressão. [...] A Palavra de Deus é alimento para a vida, para a oração e para o diário caminhar, é o princípio de unificação da comunidade na unidade de pensamento, a inspiração para a renovação constante e para a criatividade apostólica.”

Desde quando conhecemos a Vida Religiosa Consagrada como é configurada hoje, a Palavra de Deus aparece como fundamento e sustentação, não apenas para os fundadores e fundadoras no momento inicial, mas, sobretudo, na atualização dos carismas segundo os momentos históricos.

Não por acaso que as entidades ligadas à VRC, em suas diversas manifestações, cada vez mais se empenham em aprofundar temas bíblicos que proporcionem aos múltiplos grupos e comunidades uma identidade mais conforme o seguimento de Cristo, de acordo com seu perfil apresentado nos Evangelhos.

Nenhum passo, no entanto, pode ser dado sem um olhar cuidadoso ao Primeiro Testamento, de onde colhemos preciosos ensinamentos da trajetória do Povo da Bíblia sob a custódia sensível de Javé.

Ainda hoje essa proximidade se manifesta em nosso peregrinar, quando contribuímos para que as comunidades em que atuamos tenham acesso e se familiarizem com a Palavra Sagrada, buscando nela iluminação e motivação para o viver cotidiano.

É nas realidades concretas da história que ela se torna a “boa notícia anunciada aos pobres”. Sandro Gallazzi, ao escrever sobre “A leitura da Bíblia na ótica dos povos da Amazônia”, fala de como a presença do Espírito de Deus Criador tem em nós sua extensão, quando damos continuidade a “sua obra criadora, lutando contra todos os males que ameaçam a vida de todos e do planeta, contra a violência presente em todas as páginas da história humana”. O autor alerta para o risco que corremos de neutralizar a Palavra de Deus “atrás de uma lei e de uma doutrina incapazes de mexer com as estruturas políticas, que, por serem passageiras e mutáveis, deixam de ter um valor decisional para a vida do fiel”. Embora resistamos em reconhecer, o Deus da Bíblia é um Deus Libertador. Os profetas enfrentaram o desafio ao anunciá-lo como “um Deus que desce na história” e caminha com seu povo. “A este caminho permanente de conversão todos os povos são convidados.” Nisso se manifesta a grandiosidade de Deus que se abre para todos, sem restrições. Quem é chamado a ser ponte, a facilitar esse caminho, não pode ter “medo de enfrentar os desafios da pregação”. Isso pode desviar o autêntico sentido da profecia e, como Jonas, “dorme enquanto todos rezam, finge que nada do que acontece tem a ver com suas opções e decisões, não suporta que Deus acolha e perdoe todas as pessoas que com sinceridade e de coração humilde e contrito” dele se aproximem. Este é o teor de “Jonas, profeta ou antiprofeta?”, escrito por Francisco Orofino e Frei Carlos Mesters. O texto nos questiona sobre nossa ação profética, quando misturamos em nossos discursos e reações “raiva, tristeza, desânimo, revolta, frustração e autojustificativas”. Os autores nos levam a perceber que a leitura do livro de Jonas deve nos motivar a enfrentar os desafios, sem fugas, a superar o medo e a confirmar “o que Jesus ensinou: de fato Deus esconde certas coisas aos sábios e entendidos e as revela aos pequenos e humildes (cf. Lc 10,21; Mt 11,25)”.

Pois Jesus de Nazaré “é um líder que responsabiliza os seus seguidores a se tornarem com ele sujeitos de uma nova etapa da história humana e núcleo de uma sociedade que

irá refletir a maneira de ele viver”. Esta constatação, expressa por Padre Ronaldo Colavecchio em “Resgatando São João para uma espiritualidade libertadora”, nos aponta um “Jesus consciente de que o exercício da sua liberdade de agir em prol dos pobres e dos sofridos entra em conflito com interesses, tradições e estruturas que se tecem dentro da fábrica de qualquer sociedade humana”. Por seus gestos e palavras, ele “mostrou como esta Vida” divina, que por sua encarnação veio trazer à humanidade, “se torna em nós um dinamismo de amor mais puro que nos faz doadores de mais vida aos nossos irmãos”. Se soubermos assimilar essa dinâmica de Jesus, nos deixaremos conduzir pelo sentimento de compaixão que o moveu, “no meio do povo que nos cerca”. O êxito da missão profética assumida será alcançado se refletirmos a “mais profunda experiência das Pessoas Divinas: experimentar a presença do Filho e do Pai, vivendo a sua Comunhão de Amor, dentro de nós!”.

Enfim, “trata-se de compreender que a Palavra de Deus é a alma de toda a ação evangelizadora da Igreja”, por quem somos consagrados e enviados. Na mensagem da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil por ocasião da 48ª Assembleia Geral em maio deste ano (2010), os bispos afirmam: “É hora, pois, de uma formação bíblica mais intensa, profunda, sistemática e corajosa; de um contínuo e fascinante contato com a Palavra de Deus, que é Jesus Cristo; de uma forte e vibrante ação evangelizadora” que dela emana.

IRMÃ MARIA JUÇARA DOS SANTOS, FDZ

1º Acampamento da Vida Religiosa Consagrada Mineira

Alarga o espaço da tua tenda.
(Is 54,2)

O 1º Acampamento da Vida Religiosa Consagrada Mineira foi um evento realizado pela CRB-BH nos dias 29 a 31 de maio passado próximo, com o tema: “Acampamento: desafio, itinerância e esperança”, e o lema: “Vida Religiosa Consagrada... um belo horizonte”.

Participaram do Acampamento aproximadamente 300 pessoas, entre homens e mulheres, jovens, adultos e terceira idade; aspirantes, postulantes, noviços/as, junioristas, perpétuos/as e leigos/as; representantes das diversas formas de Vida Consagrada e ainda representantes dos cinco continentes. A programação dos três dias foi balanceada com momentos de formação, reflexão, oração, lazer, caminhada, partilha e solidariedade.

Tema – Acampamento: desafio, itinerância e esperança

Antes de entrarmos em cheio no nosso tema, gostaria de tomar as palavras do Apóstolo Paulo como motivação para novos relacionamentos entre irmãos e irmãs, dispostos a viverem acampados, no aprendizado permanente do seguimento de Jesus.

“Que o amor de vocês seja sem hipocrisia: detestem o mal e apeguem-se ao bem; no amor fraterno, sejam carinhosos

uns com os outros, rivalizando na mútua estima. Quanto ao zelo, não sejam preguiçosos; sejam fervorosos de espírito, servindo no Senhor. Sejam alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração. Sejam solidários com os cristãos em suas necessidades e se aperfeiçoem na prática da hospitalidade. Abençoem os que perseguem vocês; abençoem e não amaldiçoem. Alegrem-se com os que se alegram, e chorem com os que choram. Vivam em harmonia uns com os outros. Não se deixem levar pela mania de grandeza, mas se afeiçoem às coisas modestas. Não se considerem sábios. Não paguem a ninguém o mal com o mal; a preocupação de vocês seja fazer o bem a todos. Se for possível, no que depende de vocês, vivam em paz com todos. Amados, não façam justiça por própria conta... se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber; desse modo, você fará o outro corar de vergonha. Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem” (Rm 12,9-21).

À luz dessas palavras, gostaria de tomar o tema escolhido por vocês para refletir sobre a vida religiosa hoje. É claro que, não sendo membro de nenhuma Congregação, Ordem ou Instituto de Vida Consagrada, só posso falar de desafios que percebo na convivência com irmãos e irmãs que fazem essa opção e a vivem no contexto de uma Igreja toda ela desafiada por uma cultura que se lhe apresenta, muitas vezes, hostil. Peço, portanto, antecipadamente, perdão a todos e a todas por possíveis limitações no trato de temas tão caros para o sentido da vida de vocês. Façamos um passeio pelo tema de nosso encontro, assumindo a riqueza da metáfora do acampamento.

Acampamento

A palavra é simples: acampamento. Para quem já acampa, basta meia... Para os novatos, não demora mais que algumas linhas para explicar que, ao fincar os espeques da barraca, você fixa morada na terra da liberdade: o camping. A começar pela hospedagem, categoria “um milhão de estrelas” – todas as do céu – sobre as barracas armadas ao ar livre.

Há os que preferem as áreas selvagens, sem qualquer estrutura e que, por isso, são opção reservada aos mais escolados e que buscam um contato ainda mais próximo com a natureza. Aliás, está aí a condição número um para se acampar: ficar de bem com o verde (a praia, os rios e até os insetos...).

Um kit básico não vai muito além de mochila, barraca, saco de dormir e lanterna. Pronto! Agora é botar o pé na estrada. Basta um dia no camping para entender a democrática lógica de um lugar sem fronteiras, sem idade, sem paredes, sem diferenças. Uma verdadeira festa, para crianças e adultos.

Visitando o site de um camping fiquei impressionado com esta descrição. Quanta coisa dela nos remete à vida religiosa: fixar morada na terra da liberdade; preferir áreas selvagens, sem qualquer estrutura (opção reservada aos mais escolados); buscar um contato mais próximo com a natureza (ficar de bem com o verde). Por aí passa certamente a vida religiosa: aventura reservada aos que querem fixar morada na terra da liberdade. Daí a origem de um sem-número de conflitos com os limites impostos por tantas estruturas! A opção por áreas selvagens, sem qualquer estrutura, é reservada para os mais escolados. Realmente, atingir o grau de liberdade e flexibilidade total ante as estruturas é para poucos. Quantas vezes nos apegamos a casas, obras, pessoas, projetos, como se tudo nos pertencesse. Viver a liberdade na condição de religioso/a é um desafio dos mais significativos para qualquer ser humano que faz tal opção.

Os acampados precisam apenas de um kit básico: além da mochila, uma barraca, um saco de dormir e uma lanterna. Cada objeto desse kit necessita ainda passar por um critério fundamental: necessidade mínima. Ai de quem coloca o desnecessário na mochila ou sofisticada muito a barraca! Vai perceber que é difícil mudar de espaço se as situações climáticas assim o exigirem. Desse kit, o saco de dormir e a lanterna constituem dois símbolos fantásticos para entender a dimensão quenótica da Vida Religiosa: viver despojado e buscando clarear ao redor. Quem se aventura a fazer esse acampamento?

Bom, aqui nos deparamos com conselhos de quem já fez essa aventura:

“Camping não é para qualquer um, mas para os que estão abertos. É um espaço coletivizado, pede o convívio harmonioso, um acaba sempre precisando do outro. É como uma casa de todo mundo, então você precisa cuidar do espaço. As barracas não têm cadeado e tudo fica muito à mostra. Quem gosta de mordomia e não liga para os outros, pode esquecer” – explicou o psicólogo Rodrigo Echebarrena.

Não estarão aí também algumas pistas para uma Vida Religiosa de quem entendeu sua vocação como um acampamento? Assim como de quem percebeu a necessidade da abertura do seu espaço aos outros e que a casa é de todo mundo? Nessa perspectiva se entende a dimensão do cuidado: cuidar da casa, dos companheiros e companheiras de caminhada, da natureza onde está a barraca. “Quem gosta de mordomia e não liga para os outros, pode esquecer.” Não está apto para o acampamento, não está apto para a Vida Religiosa. Quem faz da Vida Religiosa um trampolim para afirmar-se na linha do poder, não entendeu bem o sentido da opção que fez. Confundi servir aos outros com servir-se dos outros. Quem procurou mordomia e acomodação, errou de endereço.

Outras importantes lições do manual do campista são os mais simples ensinamentos ouvidos da professora ainda no jardim da infância. Aliás, está aí uma delas: “Aprenda com os mais experientes”, por exemplo.

Em sua primeira empreitada, vale combinar viajar com amigos que já acampam. De qualquer forma, seus vizinhos de barraca darão uma mãozinha ao menor sinal de dificuldade, para ajudar a montar ou desmontar a barraca, para emprestar algo que ficou esquecido em casa ou meramente para bater papo e comer uns petiscos.

Aprender com os mais experientes, combinar a viagem com os que já acampam, receber uma mãozinha dos outros

companheiros de acampamento, saber a hora e como desmontar a barraca, pedir emprestado algo de que se esqueceu, saber encontrar-se com os outros na gratuidade, para um papo ou uns petiscos; impressionante como tudo isso está em sintonia com uma das mais desafiadoras prioridades da CRB Nacional, confirmadas para o triênio 2007-2010: ampliar as alianças intercongregacionais, redes e parcerias.

Na perspectiva das parcerias, como será importante a abertura para o outro, para o diferente, sem preconceitos! Aqui vale a pena aprender com os mais experientes, tais como nosso grande pai na fé – Abraão. “A fé abraâmica é a saga de um religioso errante, que hospeda desconhecidos, que coloca sua tenda à disposição dos peregrinos” (Frei Susin). Os hóspedes de Abraão são de outra tradição religiosa, mas ele não se importa com isso, pois entende que a vida está acima de todo sistema religioso. “Abraão pratica a religião do outro, no sentido de que o outro é que está no centro de sua atitude e responsabilidade religiosa. Torna-se assim uma fonte de bênçãos para todos os povos da Terra, um universalista peregrino, aberto a encontros sempre novos, perigosos e surpreendentes” (Frei Susin). Abertura em direção às perspectivas dos outros, para fazer de nossa proposta de vida uma proposta universal, superando a dimensão reducionista de nossa missão.

Os novatos devem começar avaliando o roteiro. Comece por campings não muito distantes, que possam render uma viagem de final de semana. No programa de curta duração, o trabalho deve ser reduzido e o equipamento, básico.

Cada campista pede uma barraca diferente. Os principais modelos são a iglu, a canadense e a bangalô. O mesmo vale para o peso carregado.

Aqui podemos relacionar com a outra prioridade da CRB: a formação inicial. Será que não teríamos nada a aprender com os nossos companheiros e companheiras de camping? Não será necessário favorecer aos novatos a capacidade de avaliar o roteiro, por meio de experiências curtas,

com equipamento básico, antes de fazê-los entrar no acampamento? Não será necessário abrir espaços para diferentes modelos de acampamento? Não será esse olhar uma pista boa para pôr em prática a dinamização da formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações?

Nosso psicólogo experiente em acampamento ainda tem mais a nos ensinar:

“Uma vez fui para Ouro Preto levando uma mochila que pesava 30 quilos. Mal conseguia sair da rodoviária. Acabei dando metade das minhas roupas” – disse Rodrigo Echebarrena, lembrando o aperto que passou numa de suas primeiras aventuras.

Será que não repetimos essa experiência na nossa maneira de assumir a Vida Religiosa? Enchemo-nos de pesos, de apegos, de coisas, que acabam dificultando nossa vida, nos tornando pesados para nós mesmos e para os outros. Quando ficamos muito tempo num lugar, quando esticamos os anos numa mesma casa, nos distanciamos do espírito do acampamento e vamos acumulando coisas em nossa mochila. Quando isso ocorre, no momento em que somos convidados a desarmar a tenda e partir para novos acampamentos, criamos tantos conflitos. Muitas vezes, envolvemos nesses conflitos pessoas que conviveram longos anos conosco no acampamento. Chegam até a fazer abaixo-assinados para que a gente não continue nossa vida de itinerantes.

Porém, nossa aventura de acampados não terminou. Ainda temos mais a aprender.

Outra recomendação valiosa: antes de sair de casa, certifique-se de estar levando tudo de que precisa e, principalmente, se todos os itens para colocar a barraca de pé estão reunidos. Nada de deixar para ler o manual da barraca ao chegar ao camping. E mais: programe-se para chegar de dia, pois, à noite, fica tudo mais difícil.

Liberdade, flexibilidade, espontaneidade, simplicidade não necessariamente significam vida sem roteiro. Nada de filosofia do Zeca Pagodinho – deixa a vida me levar. É importante ter roteiro e conhecê-lo bem, assim como saber os recursos com os quais posso contar. Será que o que tenho e o que sou é suficiente para colocar a barraca de pé? Conheço o roteiro, pelo menos nas suas grandes inspirações? Programo-me à luz do dia para poder vivenciar bem quando a noite chegar? Mesmo que sua barraca seja frágil abrigo, está preparado para resistir a intempéries? Quando as tempestades vêm e nossa barraca parece não resistir, o que é que nos sustenta no acampamento? Estamos vendo que muitos companheiros e companheiras deixam o acampamento desolados, desencantados. Muitos procuram outro estilo de levar a Vida Religiosa, que não condiz muito bem com ela. Daí a pertinência desses conselhos: ler o manual com antecedência e medir forças para ver se conseguimos seguir no acampamento.

Vejamos outro aspecto importante do nosso acampamento.

Melhorou muito o acabamento das barracas, feitas com materiais quatro vezes mais resistentes à água que há alguns anos. Os campistas podem também optar por fogareiros de combustível líquido, mais econômicos e com maior potência térmica. Além de poder usar mochilas especiais que permitem ao viajante carregar 10% de seu peso sem sofrer.

Na condição de itinerantes, vivemos o desafio de colocar o avanço tecnológico a serviço da Vida Religiosa sem cairmos no exagero do consumismo tão em voga. Internet, celular, iphone, ipod e outras novidades do mundo *high tech* têm povoado a vida e a imaginação de inúmeros irmãos e irmãs nossos, sobretudo os mais jovens. Por isso, precisamos combinar o uso das novas tecnologias com a simplicidade de vida que a missão nos cobra.

Ainda aprendemos com o pessoal do camping algumas regras básicas da boa convivência, que nos lembram dos desafios que enfrentamos na vida comum.

Não importa a opção, tem um detalhe importante, que é outra lição da pré-escola: “A liberdade de um termina onde começa a do outro”. Ou seja, respeite o horário de silêncio, colabore para manter as áreas comuns, como banheiros e lava-pratos, limpas e organizadas. Nada de música alta. Gritaria e xingamentos então, nem pensar!

Quais têm sido os obstáculos a nossa vida comum? Como é desafiador saber respeitar os limites uns dos outros, os horários de silêncio que a vida nos pede, o respeito pelos espaços comuns, o controle de nossos impulsos em momentos que não estamos bem.

Creio que são extremamente oportunas, na conclusão de nossa reflexão, as palavras do Papa Bento aos superiores/as religiosos: “Junto com um indubitável impulso generoso, capaz de testemunho e de entrega total, a vida consagrada experimenta hoje a insídia da mediocridade, do aburguesamento e da mentalidade consumista”. Aí está o desafio da Vida Religiosa que se dispõe a fazer a aventura do acampamento, reconhecendo esse modo de vida na itinerância e na esperança.

Gostaria de concluir com um poema de Benjamín González Buelta, que revela ser a itinerância nessa vida uma condição importante para vivenciarmos a virtude da esperança sem absolutizarmos o relativo nem relativizarmos o absoluto.

Inquilinos do tempo

A resposta a uma pergunta
gera em nós novas perguntas.

Alcançar um horizonte
mostra-nos novos horizontes.

Cada passo dentro de nós
abre-nos novas encruzilhadas.

Um compromisso na história
solidariza-nos com outros desafios.

Se é importante chegar,
é para partir de novo.

Se nos satisfaz saber,
é para buscar o que não sabemos.

Se nos alegramos com o que somos,
é para sair rumo àquilo que não somos.

O mesmo pão que nos sacia hoje,
permite-nos sentir fome amanhã.

Somos uma pergunta com respostas parciais,
mas só Deus é a resposta.

Somos felizes com os amores humanos,
mas só quando têm o brilho do Absoluto.

Somos inquilinos do tempo e do espaço,
mas somos filhos do Infinito.

PADRE MANOEL GODOY
Diretor executivo do Instituto
Santo Tomás de Aquino – ISTA

(Fonte: texto de Luiz e Joana de Santos/SP, no site <<http://www.ocampista.com.br>>. Matéria publicada no jornal *O Globo*, em 20/03/2003.)

CRB-BH Grupo Jovem: teólogas e teólogos em gestação

Sonho, desejo, coragem, ousadia, consentimento, preparação, concepção, gestação, expectativa...

Talvez essas palavras signifiquem o que está sendo este *hoje* para religiosas e religiosos, estudantes de Teologia – em diferentes níveis –, aqui na nossa Regional.

Tudo partiu da iniciativa da Diretoria que confiou a cinco religiosos (duas mulheres e três homens) a tarefa de

acompanhar mais de perto as reflexões que seriam feitas por “peritos” e “medalhães” durante a realização do 1º Acampamento da Vida Religiosa Consagrada de Minas Gerais (28 a 30 de maio de 2010).

Eles acolheram a proposta, assumiram a missão, prepararam-se em encontros com membros da Diretoria e lá estavam, coração a mil... ardendo em brasas como a fogueira que nos aquecia e era símbolo do acampamento: a *Shekinah* – Emanuel, Deus conosco.

Cumpriram a tarefa que lhes foi confiada: com certo temor e tremor... No final do encontro apresentaram sua síntese, foram aplaudidos, amadrinhados e o segundo desafio foi confirmado pela aquiescência da Presidenta Nacional da CRB, Ir. Márian Ambrósio, presente conosco.

A Regional de Belo Horizonte desejou – ardentemente – abrir espaços para esta nova geração, sonhando com a possibilidade de publicar na *Revista Convergência* os primeiros *ensaios* de jovens religiosas/os estudantes de Teologia, antevendo o amanhã com ousadia, temeridade e muita garra.

Aqui está o primeiro resultado: fica bem claro que se trata de *ensaio* que certamente pode receber a crítica dos nossos mestres em Teologia, mas sempre há uma primeira vez, sem a qual nenhuma outra seria possível.

Ousamos pedir que esse espaço seja aberto: exposto à apreciação, à crítica, ao incentivo, ao encorajamento, a tudo aquilo que possa existir nos primeiros ensaios, e revele que nós, a Vida Religiosa Consagrada do Brasil, temos a coragem de acolher o novo, aceitar o diferente, estimular as iniciativas, apoiar os joelhos ainda frágeis, sem muito incenso, mas com a alegria fraterna – quase materna! – de quem vê irmãs e irmãos se preparando para a grande arena do *alimento teológico* de amanhã.

IRMÃ ELZA RIBEIRO
Providência de GAP

Um olhar sobre o vivido

Numa marcante e profunda experiência de acampamento da Vida Religiosa Consagrada mineira realizada pela CRB-BH, pudemos exultar de alegria, tendo a certeza de que Deus visitou o seu povo. Esta frase ressoava a todo momento no falar das várias pessoas que deram a sua colaboração, ajudando-nos a refletir. E os sinais da presença de Deus estavam em tudo, desde a acolhida, a unção de todos/as que chegavam, a fraternidade, até o carinho com que tudo foi preparado e desenvolvido pela bela equipe. Percebia-se na simplicidade, na atenção, a ternura de Deus presente naqueles e naquelas que deram tudo de si para que o evento acontecesse. O canto *Shekinah* (Pe. Zezinho) traduzia o acontecer daquele momento inaudito vivido nos dois dias e meio que ainda hoje saboreio.

Ir. Márian Ambrósio, presidenta da CRB Nacional, em sua fala ressaltava: “Deus presente na caminhada do seu povo arma a sua tenda, faz morada entre nós, nos provoca à desinstalação, a fazer a passagem, a refazer relações quebradas”. Foi uma confirmação de que a Vida Religiosa Consagrada é itinerante, presença de Deus, doação, chama acesa, sinal de esperança. É preciso viver a Consagração conectada com a causa de Cristo, do Reino. O acampamento valeu a pena, de fato nos tornamos mais entusiasmados/as, decididos/as a avançar, a armar a nossa tenda junto ao sofredor que por necessidade vive em tendas. Um convite nos interpela a sermos canais da vontade amorosa de Deus no mundo. Eis o que deve mover a nossa vocação e consagração.

O acampamento se torna lugar de partilha, de comunhão de vida, acolhida, fraternidade, quando comungamos de um mesmo sonho, de um mesmo projeto, porém nos desafia a fincar as nossas estacas, a refazer a tenda da nossa vida, das nossas relações. Um apelo a sermos pessoas geradoras de vida em qualquer etapa de nossa caminhada, pois Deus habita em nosso meio, habita em nós, e nos impulsiona a criar e recriar a vida, a sermos protagonistas de um mundo mais irmão. Para isso somos desafiados/as a fazer

permanentemente experiência pessoal de encontro com Deus, a sermos pessoas de identidade e raízes firmes, capazes de testemunhar o amor, de ir na contramão do que hoje a nossa sociedade e mundo apresentam, propõem.

A Vida Religiosa Consagrada precisa fincar a estaca no seguimento da pessoa de Jesus, criando relações fraternas que revelem o amor de Deus, e ser profundamente missionária, capaz de alargar a tenda e ir ao encontro dos irmãos e irmãs.

IRMÃ MÁRCIA ALVES FERREIRA

Congregação Irmãs da Divina Vontade

(2º ano de Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte-MG.)

A vida religiosa pensada em 3D

Três dimensões podem ser usadas para pensar a ideia de acampamento na VRC. A teologal, a institucional interna e a social.

A primeira dimensão, a teologal, deve ser o que ilumina os demais, pois é a Deus que a Vida Religiosa deve sempre se referir. Assim, não se pode falar em acampamento da VRC sem significar este pensamento à luz das Sagradas Escrituras e, acima de tudo, à luz da desmesurada vida de Cristo. Dois elementos aqui são iluminadores: o primeiro é o termo *Shekinah* (Deus que habita no meio do povo), referido no AT, e o segundo elemento é pensar a plenitude desta habitação de Deus no meio dos seus, que é a própria encarnação do Verbo.

Deus, em sua bondade original, cria o ser humano e o coloca no jardim da relação. O ser humano, em sua falha, quebra a relação e sai do jardim, sai da realidade da vida para a realidade da morte. Mas Deus não desiste da humanidade e a resgata desta realidade de morte no povo de Israel. Não só liberta este povo do Egito, mas reconstrói com ele uma Aliança. Este caminho de libertação e retomada do vínculo que se havia perdido no jardim não é um caminho fácil; por isso, Deus não só envia seus servos, mas “arma sua

tenda entre o povo”. É a tenda da reunião, um novo jardim da relação em meio ao deserto de morte.

Esta tenda, contudo, é provisória, é para a caminhada, pois o ponto de chegada é a terra prometida, o novo e definitivo jardim donde emanam leite e mel, isto é, doçura gratuita e Alimento de Deus.

Esta dramática relatada nos escritos veterotestamentários não é definitiva, mas figura do que será plenificado na encarnação do Verbo Eterno do Pai. Cristo é a pedra angular do jardim definitivo; é para ele que deve rumar a caminhada. Percorrendo os escritos neotestamentários, perceberemos que a vida de Cristo mostra-se como um convite para este ponto de chegada: a incorporação da humanidade nele. Por ora, no “já” da história, é preciso armar a tenda no caminho da vida que sofre e pede para ser vivida em plenitude até que se alcance o “ainda não”, onde seremos incorporados a Cristo, no Espírito.

Desta dramática pensada, teologicamente surgem desdobramentos concretos na história de cada religioso/a e de seu instituto; é a dimensão estrutural. É daí que deve brotar a forma de ser VRC hoje. Por isso a ideia de aliança, promessa, relação, movimento, eleição etc. leva a repensar as estruturas internas da VRC. Estas estruturas devem favorecer a fácil mobilidade de pessoas e projetos. Estruturas pesadas e imóveis em colégios, casas, Igrejas, paróquias centenárias etc. não favorecem o desarmar da tenda e pôr o pé na estrada.

Quem caminhar com o povo de Deus deve estar sempre esperando o amanhecer para que se possa levantar acampamento e seguir firme rumo à pátria definitiva. Por esse motivo a VRC não pode ser feita de estruturas pesadas demais que não possam ser carregadas. Aqui entram não só as estruturas materiais, mas também as legais e humanas. Como é possível estar sempre disposto a caminhar, se para dar um só passo é preciso mover meio mundo de regras que não libertam? Cada ambiente vital exige uma nova forma de pensar; deve-se salvaguardar somente o essencial. Por outro lado, é ilusório querer uma estrutura material e legal leve e flexível, se o/a religioso/a estiver com excesso de bagagem

interior: mágoas, rancores, divisões, ciúme... Tudo isso deve ser deixado para traz a cada amanhecer para levantar acampamento e pôr o pé na estrada.

A terceira dimensão, finalmente, é a social (que não deixa de ser estrutural); aqui a VRC é pensada em sua inserção no meio do mundo em constante trânsito. A eficácia deste aspecto depende inteiramente dos outros dois. Só será possível ser o que somos chamados a ser se nossa incorporação a Cristo for verdadeira e profunda e se esta incorporação refletir nas estruturas internas de cada religioso/a e de sua congregação.

Como Cristo não se apegou a sua condição divina, mas abraçou a Cruz no resgate da dignidade humana, a VRC só será efetivamente um estado santificante para a Igreja e para toda a humanidade se fizer o mesmo. Não por masoquismo, mas por ter experimentado a desmesura do amor do Pai manifestado pelo Filho, no Espírito. Este amor, experimentado na tenda da relação com Deus, leva ao desinstalar-se e à luta inserida pela vida dos membros do corpo de Cristo que sofrem. Uma vez que o religioso experimenta este amor, não pode ser como um membro anestesiado que é incapaz de sofrer a dor do outro.

Para pensar de forma metafórica o que dissemos até agora, usaremos a própria imagem da tenda ou barraca nos seus elementos principais: estacas (religiosos/as), o chão onde se fixam as estacas (a dramática da história) e a lona (horizonte da vida de Cristo).

As estacas: a estaca tem uma ponta cravada no chão e outra ligada à lona no teto da barraca. É o que os/as religiosos/as são chamados/as a ser. Com uma ponta ligada ao céu e a outra cravada profundamente na história humana. Os/as religiosos/as devem ser as estacas porque são eles/as que têm de apontar aos que ficam sob a barraca a proteção que está acima deles/as. As estacas, portanto, devem ser firmes e fortes. Precisam passar segurança aos que estão sob sua guarda, para que não venha a desabar tudo aquilo a que eles/as apontam.

As estacas devem, também, ser cravadas no chão da história para que a barraca não seja levada com o primeiro vento, mas tenha consistência. Ou seja, o/a religioso/a precisa ser engajado/a na história do povo sofredor, para que seu discurso, prática e vida não sejam desencarnados, sem nexos com a realidade.

O chão da barraca: é a história humana; aí estão as lutas e conquistas da humanidade. Este chão é movediço (por isso as estacas devem ter mobilidade também), pois as lutas do povo de Deus por justiça, moradia, dignidade etc. são diferentes a cada dia. As necessidades mudam, a história muda.

A lona: é o evento Cristo. Sob esta lona cabem todos. É ele nossa segurança e proteção. Quem está sob esta lona e olha para cima vê toda a história da caminhada de Deus com o seu povo. Seu amor está nitidamente estampado nas fibras que tecem esta cobertura. Aí também estão estampados (e nunca serão apagados) as dores, vitórias, encantos e desencantos dos/as filhos/as de Deus. Desta barraca vale a pena fazer parte, vale a pena ser estaca!

DIÁCONO JOSOÉ FRANCISCO ZANON CSCH (CAVANIS)

(Estudante de Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte-MG.)

Vida Religiosa: uma Shekinah de Deus

Não é simples traduzir em palavras aquilo que vivenciamos no 1º Acampamento da Vida Religiosa Consagrada Mineira, ainda que essas palavras sejam pretensamente teológicas. Não é fácil diminuir a distância entre o que trazemos à fala e o que foi, fundamentalmente, a nossa experiência. Pois, de um lado, estão nossos sentidos e experiências, e, de outro, a insuficiência e parcialidade de nossa fala. E assim parece ser ou acontecer em nossas vidas: quanto mais profunda uma experiência, mais rarefeitas são as palavras. Contudo, ficou uma certeza: Deus se fez presente em nosso meio, pois, de fato, Deus acampou entre nós (Jo 1,14).

Em muitos momentos deste nosso encontro refletimos vários temas pertinentes à Vida Religiosa hodierna: os seus caminhos, rumos e itinerância, sua presença em lugares onde a vida está ameaçada, seus desafios e sinais de esperança.

Itinerância. Este acontecimento, o Acampamento da Vida Religiosa Consagrada presente em Minas Gerais, foi para todos/as uma profunda experiência mistagógica: rica de símbolos e sinais que nos fizeram refletir. Iniciamos nosso encontro agradecendo a terra que nos acolhe: Minas Gerais. Nós, religiosos e religiosas, reconhecemos a terra que nos recebe, terra de lutas e esperanças, terra de missão e da presença de Deus. Terra da concretização de nossa vocação de consagrados e consagradas ao Reino, terra de encontros e amizades, terra de Minas, terra da gente, terra de todos! Somos e nos sentimos em Minas Gerais, como disse Guimarães Rosa: *Minas a gente não sabe, Minas a gente sente.*

Somos e viemos de vários lugares: África, Ásia, Europa e América Latina e Caribe. E aqui neste acampamento nos encontramos.

Padre Manoel Godoy, um de nossos assessores, nos lembra que na instrução para aqueles que vão acampar está dito: “[...] fixa morada na terra da liberdade”. É na liberdade que nos encontramos, fortalecendo-nos e nos aquecendo com o calor humano de cada irmã e irmão. Acreditamos que só nos encontramos com Deus quando nos encontramos a nós mesmos e aos nossos irmãos e irmãs, isto é, alargando o nosso coração para acolhermos a todos/as, sem distinções, como está dito no livro do profeta Isaías: “Alargue o espaço da sua tenda” (Is 54,2).

Desafios. Muitos são os desafios que se nos apresentam. Para muitos ainda não temos respostas claras, apenas tateamos alguns dizeres. Por exemplo, como enfrentar os desafios de nossas próprias estruturas? Tão pesadas quanto obsoletas... São inúmeros os religiosos e religiosas que gastam as suas vidas para sustentar o burocrático sistema administrativo-financeiro de nossas províncias. Às vezes, parece que nos preocupamos muito com as nossas coisas e nos esquecemos de nossas causas. Sem falar nos desafios da formação, do

problema do individualismo exacerbado, a dita e repetida gasta palavra: refundação. Os desafios, conhecemo-os bem; as respostas, porém, ainda nos são parcas.

Esperança. No acampamento acendemos uma fogueira, simbolizando que é nesta terra de Minas Gerais que acalentamos nossa chama missionária. O fogo sempre simbolizou a esperança: de galhos secos e sem vida, ele surge vicejante. Certamente, também por isso, ele é símbolo da Ressurreição. É nesta perspectiva que intuimos que a chama da nossa esperança se alimenta e cresce a cada encontro e partilha. É pela contribuição concreta de cada um, cada uma, que a chama se mantém acesa, gerando luz e iluminando caminhos, aquecendo sonhos e corações. A cada testemunho, a cada sonho partilhado, a cada experiência vivenciada, fortalecemos a fogueira da esperança da Vida Religiosa nestas terras mineiras. Para nós, este encontro já é também um sinal de esperança, pois não podemos mais nos fechar em um provincialismo congregacional infecundo. Este encontro nos fez perceber: somos e podemos mais quando estamos juntos.

FREI MARCELO MARINS, OFMCAP

(7º período de Teologia

Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA,
Belo Horizonte-MG.)

A dinâmica do movimento de Deus ao acampar em nosso meio

“O Verbo se fez carne e acampou entre nós” (Jo 1,14). Esta palavra ilumina a reflexão que faço sobre o 1º Acampamento da Vida Religiosa Consagrada Mineira. Que olhar teológico ele suscita? Partirei das três palavras que acompanhavam o tema desse primeiro acampamento: desafio, itinerância e esperança.

No Antigo Testamento temos o testemunho de como nosso Deus age conosco através do que ele disse a Moisés: “Eu vi a opressão do meu povo no Egito, ouvi suas queixas contra os opressores, prestei atenção a seus sofrimentos. E desci para livrá-los” (Ex 3,7-8a). Deus se volta para a humanidade

com benevolência. Percebe-se que é um Deus atento ao seu povo com o qual fez Aliança. Diante do sofrimento, ele não os abandona, ao contrário, vem junto deles para socorrê-los. Desce. Acampa no meio do povo. Não para ser mais um com eles, mas para tirá-los da condição de escravos. Deus nos criou filhos, portanto, livres, parceiros da Aliança.

A VRC precisa fazer essa experiência de ver e ouvir o clamor daqueles que estão escravos do esquema em que vivemos: capitalismo em alta, consumismo, individualismo, forte globalização que gera escravos do mercado, empobrecimento etc. Há que se ter uma grande sensibilidade para ouvir e enxergar essas situações e, sobretudo, os pobres que nela sofrem cada vez mais. O acampamento propiciou este exercício, quando possibilitou fazer a experiência do desinstalar e sentir “na pele” o que sentem milhões de nossos irmãos que não têm casa, moram na rua ou nos assentamentos sem segurança e estabilidade.

Muitos religiosos/as experimentaram armar “sua tenda” fora dos muros de suas comunidades. A tenda é o lugar da revelação.¹ Ela é o sinal do provisório, da fragilidade da vida, representa a possibilidade de morar em todos os lugares, a capacidade de inserção, a disponibilidade para caminhar na concretização dos valores do Reino. Ser tenda é deixar-se habitar fazendo caminho, é ser a si mesmo na abertura aos outros. Somos tenda, somos vida instituída em processo de transcendência. Em nossa identidade está inscrita a profecia do provisório, do desprendimento, daquele que por ser rico se fez pobre.

Habitamos em tendas para nos fazermos presentes nas situações. Queremos armar nossas tendas entre tantas tendas de encontro de Deus com a humanidade: a tenda dos sem-terra; a tenda lona preta dos sem-casa; a tenda de papelão estendida no passeio, onde o mendigo mora; a tenda viaduto; a tenda de pedaços de madeira que alguém jogou fora; a tenda das peregrinações do Nordeste; a tenda das juventudes, caminhos de itinerância abertos; as tendas das associações de bairro, dos grupos de mulheres, dos sindicatos, dos sem-salário; a tenda dos pescadores, a tenda de pau e barro dos moradores do sertão. Eis o nosso desafio!

1. MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1984. p. 919.

Diante do desafio emerge o desejo do movimento. A itinerância é a nossa identidade, porque na fragilidade trazemos o infinito de Deus. Nossa vida é acampamento. Somos dentro e fora. Somos intimidade, liberdade, subjetividade, consciência, desejo, relação, inteligência, afeto. Mas somos também o “fora de nós”, o outro, a alteridade, o desconhecido, a surpresa, o desafio, o acolhimento, a ação, o diferente. Nossa situação presente é ser tenda, pois a tenda expressa o encontro do dentro e do fora, porque, estando dentro, nos colocamos em movimento de encontro para as realidades e, estando fora, estamos dentro, pois a tenda é intimidade, identidade, comunhão, lugar de encontro de amor e de concepção da vida, como na tenda de Abraão e Sara que, acolhendo os peregrinos, viram sua esterilidade transformada em vida (Gn 18,1-15). Eis nossa itinerância que nos convoca a gerar vida e viver o seu dinamismo.

O mesmo Deus que no AT visitou o seu povo para libertá-lo, no NT vem na pessoa de seu Filho e arma para sempre sua tenda na história da humanidade. Agora como um de nós, pois “o Verbo se fez carne e acampou entre nós” (Jo 1,14a). Jesus desce de forma *kenótica*, não se apega à sua condição (Fl 2,6-11), mas assume a nossa para devolver-nos a dignidade de filhos/as de Deus. Ele nos revelou o amor misericordioso do Pai e sua preferência pelos pequenos, desfavorecidos. Dessa forma, nele vimos a manifestação da glória de Deus (Jo 1,14b). Em Jesus conhecemos e experimentamos o Reinado de Deus. Toda sua vida foi nos revelar o Pai e o caminho que nos conduz a ele (Jo 1,14b).

A VRC é chamada, na pessoa de cada consagrado/a, a fazer uma experiência profunda de intimidade com Jesus e, dessa modo, viver sua vida para testemunhar a presença do Reino de Deus na humanidade. Isto requer uma conversão pessoal e estrutural. Saída de nós mesmos. Desapego do comodismo e da inércia que às vezes acometem aquela que é chamada a ser sinal profético para a Igreja, a VRC. Para ser sinal é preciso estar imbuída da luz de sua fonte: Jesus Cristo, o Verbo encarnado. Aí sim, vislumbrar-se-á a esperança de que dias melhores podem acontecer, pois o Deus que acampa é o Deus que caminha conosco todos os dias

de nossa vida (Mt 28,20). Oxalá possamos, sob a ação do Espírito de Deus, acampar segundo seu movimento, onde Deus acamparia hoje.

IRMÃ ROSANA ARAUJO VIVEIROS, ANSP

Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade

(Estudante de Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte-MG.)

Acampamento: uma experiência de Deus

“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas” (Hb 1,1).

A experiência profunda do encontro com Deus foi um grande marco do 1º Acampamento da Vida Religiosa Consagrada Mineira para os/as consagrados/as. A experiência de acampar com Deus, ouvir a sua voz, como discípulos e discípulas neste momento tão místico e profético, possibilitou à vida religiosa retomar com coragem sua missão evangelizadora de anunciar o Reino aos pobres que mais sofrem com as injustiças sociais.

Deus acampou no meio do seu povo, continua acampando, armando a sua tenda entre nós. O movimento e o anseio por libertação não são nossos, são de Deus; é ele que conduz o seu povo pelos caminhos da história e dele se compadece: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias” (Ex 3,7). A Vida Religiosa é o mapa desenhado por Deus para se chegar aos corações sofredos e oprimidos de tantos irmãos e irmãs, e indicar-lhes caminhos possíveis de serem percorridos.

Portanto, o Deus que caminha conosco não é um Deus indiferente e distante da nossa história, mas é um Deus presente e próximo do seu povo, caminha lado a lado com os mais sofredos e marginalizados. A Vida Religiosa é chamada a servir a este Deus que se faz presente e próximo a nós, sobretudo, num contexto em que a vida é ameaçada pela opressão e a miséria. O Deus da vida e da esperança, que é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó, garante

que a sua presença é viva e dinâmica na vida religiosa consagrada, e pede: “Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa” (Ex 3,5). Como Moisés ouve a voz do Senhor na experiência da sarça ardente que queimava sem se consumir, assim também nós, a partir do encontro com Deus neste acampamento, sentimo-nos impulsionados a sermos portadores da esperança e de uma vida nova.

No acampamento vivenciamos e experimentamos a manifestação de Deus presente no fogo, suscitando em nossos corações a esperança, a alegria, a ternura e a misericórdia de um Deus que é Pai e companheiro na caminhada de seu povo. Numa noite escura e fria, Deus veio morar perto de nós, aquecendo-nos e iluminando-nos com a sua luz. Deus é o farol que a vida religiosa precisa para encontrar novos caminhos que apontem à esperança.

O profeta Jeremias nos ajuda a perseverar fiéis a uma realidade nova: “Levanta marcos para ti, coloca indicadores de caminho, presta atenção ao percurso, no caminho por onde caminhar” (31,21). Como exorta o profeta Jeremias, somos chamados a tomar consciência do longo caminho que ainda temos a percorrer.

A experiência de Deus, em torno do fogo, nos lança para assumirmos com radicalidade a nossa missão de consagrados e consagradas no mundo de hoje. O dinamismo do fogo está em suas chamas, que nos aquecem, nos iluminam e nos purificam. E quanto mais próximos, mais aquecidos, iluminados e purificados; e quanto mais distantes, mais frios e sombrios. Ora, a vida religiosa é chamada a ser chama viva do amor de Deus no coração de crianças, jovens, idosos que sofrem com a solidão e com o abandono; por isso, a vida consagrada nunca pode estar distante. O profeta Isaías nos anima a assumirmos sem medo, hoje, a nossa missão de consagrados e consagradas no mundo: “Alargue o espaço da tua tenda” (Is 54,2).

DIÁCONO SEDNEY, SDB

(7º período de Teologia

Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA,
Belo Horizonte-MG.)

Faltam poucos dias para as eleições. Momento de grande responsabilidade para o exercício da democracia e do dever da cidadania. A comunidade política e a autoridade pública têm o seu fundamento na natureza humana e, por isso, pertencem à ordem estabelecida por Deus.

Todos os cidadãos têm o dever de tomar parte na atividade política, entendida como serviço ao bem comum. A autoridade pública tem o dever de guiar e coordenar, respeitando os direitos das pessoas e das comunidades intermédias.

Infelizmente, muitos desconfiam da política, preferindo manter-se a distância. Outros entram nela para fortalecer interesses pessoais ou de grupo. Outros, por fim, fazem disso uma espécie de messianismo, por pretenderem libertar o homem de todos os males.

A Igreja tem em alta estima a genuína ação política; diz que é “digna de louvor e de consideração” (Concílio Ecumênico, *Gaudium et Spes* 75) e aponta-a como “forma exigente de caridade” (Paulo VI, *Octogesima adveniens* 46). Reconhece que a necessidade de uma comunidade política e de uma autoridade pública está inscrita na natureza social do homem, e, por isso, deriva da vontade de Deus. Por outro lado, mostra os limites da política e vela para que não se torne açambarcadora ou até totalitária.

Na cultura do Antigo Oriente, o rei era adorado como um deus, como uma manifestação da divindade suprema. Segundo a Bíblia, ao contrário, os governantes são apenas servidores de Deus para o bem do povo. Também eles estão sujeitos à lei moral e ao juízo exigente do Senhor. Assim diz a Bíblia: “Ouvi, ó reis, e entendei: aprendei, ó vós, que governais o universo! Porque do Senhor recebestes o poder, e a força do Altíssimo, que examinará as vossas obras e sondará os vossos pensamentos! Porque, sendo ministros do reino, vós não julgastes com retidão, nem guardastes a lei, nem andastes segundo a vontade de Deus” (Sb 6,1.3-4). “Daí a César o que é de

César e a Deus, o que é de Deus” (Mc 12,17). “Submeta-se cada qual às autoridades constituídas.” “Pois não há autoridade que não tenha sido constituída por Deus. Ela é um instrumento de Deus para o bem. Se, porém, fizeres o mal, então teme, porque não é em vão que ele empunha a espada; portanto, é, de fato, um agente de Deus, justiceiro para castigo daquele que o faz. É necessário submeter-se não só por causa do castigo, mas também por motivo de consciência” (Rm 13,1.4-5). É preciso orar “pelos soberanos e por todas as autoridades, para que tenhamos vida tranquila e sossegada, com toda a piedade e honestidade” (1Tm 2,2).

O Estado assume um rosto demoníaco quando, esquecido do seu papel subsidiário de serviço, se torna totalitário e toma o lugar de Deus. Em situações semelhantes, os cristãos têm o dever de resistir. Segundo a doutrina da Igreja, a ação política autêntica é serviço para o bem comum, com transparência e competência.

O bem comum de uma população consiste “no conjunto de condições de vida social que permitem aos indivíduos, famílias e associações alcançarem mais plena e facilmente a própria perfeição” (*Gaudium et Spes* 74). Engloba todos os direitos fundamentais da pessoa, os valores morais e culturais que são objeto de consenso geral, as estruturas e as leis de conveniência, e prosperidade e segurança. A sua figura histórica global é mutável e tem de ser constantemente definida, segundo as exigências da liberdade e da solidariedade.

Os cidadãos são, ao mesmo tempo, destinatários e protagonistas da política. Têm o direito-dever de aprovar o sistema político, de eleger os governantes e de controlar o seu trabalho. Inseridos nas comunidades intermédias e nas associações, participam na gestão de numerosos serviços, especialmente nos setores da educação, da cultura, da saúde, da assistência e promoção humana.

Este ano de 2010 é muito importante. Elegeremos o presidente da República, governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Nós, os eleitores, teremos a responsabilidade de votar em pessoas que sejam dignas desses cargos e funções. Um voto dado irresponsavelmente e quem vai sofrer é o povo.

CARDEAL GERALDO MAJELLA AGNELO

www.cnb.org.br

Mensagem dos Bispos do Brasil sobre a Palavra de Deus e a Animação Bíblica de toda a Pastoral

*Dias virão em que o povo
sentirá fome da Palavra.*

(cf. Am 8,11)

Na 48ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, aprofundamos o tema da Palavra de Deus na Igreja. Enquanto aguardamos com muito carinho a Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa Bento XVI, orientados pela mensagem do Sínodo, com as ricas contribuições de toda a Igreja sobre este tema, convidamos todas as comunidades a acolher este grande dom e a preparar o ânimo para uma recepção mais viva da Palavra de Deus. Assim, a Igreja no Brasil poderá ser, nesta mudança de época, anunciadora corajosa das riquezas da Palavra em estado permanente de missão em toda a sua ação evangelizadora.

No Prólogo do evangelho de São João, encontramos o anúncio que ilumina a vida do mundo inteiro: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus... e a Palavra se fez carne” (Jo 1,1.14). A Palavra se torna um de nós e pode ser vista, tem um nome e um rosto: é Jesus Cristo. Depois de percorrer as estradas da Palestina, encontrando todo tipo de pessoas e fazendo o bem, a Palavra feita carne se manifesta de forma mais eminentemente no Mistério Pascal. É o amor do Pai que, na glorificação do Filho, chega até nós pela força do Espírito.

Do lado aberto de Jesus nasce a Igreja, que, guiada pelo Espírito, começa a colocar por escrito a Palavra revelada,

que não se esgota nos textos sagrados, mas continua no rio de vida que é a Tradição. Isso aconteceu, também, no Antigo Testamento, quando a experiência da salvação deu origem, já no povo de Israel, aos textos sagrados. A Palavra, portanto, germina na vida da Igreja e é autenticamente interpretada por meio do Magistério do sucessor de Pedro e dos bispos em comunhão com ele. Esta Palavra, que é vida, continua viva nas comunidades cristãs.

Exortamos os discípulos e as discípulas de Jesus do nosso tempo a se deixarem alcançar pela palavra de seu Mestre. Como aos primeiros, lá na Palestina, ele lhes dirigiu o olhar e a palavra (cf. Mt 4,18-22). Eles, ao ouvirem sua palavra, acolheram sua pessoa: seguiram-no. Foi um começo. Muitas vezes, depois, tiveram que renovar os motivos para o seguimento. Naquelas situações, a Palavra do Senhor não lhes faltava: escutavam-no. Deixavam-se ensinar por ele. E os discípulos amadureciam no seguimento e nos seus vínculos pessoais com o Senhor. Esta palavra continua viva na história e chegou até nós, na terra de Santa Cruz.

Louvemos a Deus por tudo o que se fez e se faz em nosso Brasil por meio do trabalho evangelizador com a Bíblia, desde o “movimento bíblico” já antes do Concílio Vaticano II, e com ele, e a partir dele, com a rica “pastoral bíblica”. A nossa Igreja no Brasil tornou-se mais atenta em acolher a Revelação do Senhor, mais animada em encontrar-se com a Palavra viva, que é Jesus Cristo, e mais profética e misericordiosa em servir a todos, especialmente aos mais fracos.

Deus suscita em nosso povo uma grande fome e sede da Palavra, uma grande procura e desejo de conhecer, viver e anunciar a mensagem da Sagrada Escritura. Este encantamento pela Palavra é um apelo para que, em nossas dioceses, paróquias e comunidades, se ofereça e se facilite o acesso à Bíblia, ao estudo bíblico e à vivência da mensagem revelada.

Em continuidade com tudo que já se realiza, somos convidados a dar um novo passo. Trata-se de compreender que a Palavra de Deus é a alma de toda a ação evangelizadora da Igreja. Propõe-se uma verdadeira “Animação Bíblica da Pastoral”. Assim a Palavra de Deus contida na Sagrada

Escritura suscita, forma e acompanha a vocação e a missão de cada discípulo missionário de Jesus Cristo e orienta as ações organizadas da Igreja. Dessa forma, além de ser “alma da teologia” (DV 24), a Palavra de Deus torna-se também a “alma da ação evangelizadora da Igreja” (DP 372; DAp 248).

Quando falamos da “Animação Bíblica da Pastoral”, propomos conhecer e assimilar mais a Revelação de Deus, em ter, mediante sua Palavra, um encontro pessoal e comunitário com o Senhor e sermos corajosos missionários do Reino de Deus. Por isso a “Animação Bíblica da Pastoral” deve tornar-se um verdadeiro aprendizado, por meio de um caminho de conhecimento e interpretação da Sagrada Escritura, caminho de comunhão e oração com o Senhor e caminho de evangelização e anúncio da Palavra de Deus, esperança para o nosso mundo (cf. DAp 248).

É hora, pois, de uma formação bíblica mais intensa, profunda, sistemática e corajosa; de um contínuo e fascinante contato com a Palavra de Deus, que é Jesus Cristo; de uma forte e vibrante ação evangelizadora a partir da Palavra de Deus.

Com a Bíblia na mão, a Palavra de Deus no coração e com os pés na missão, somos convocados à prática da Leitura Orante. Feita com todo empenho em nível pessoal e comunitário, ela vai nos educar na fé, proporcionando uma catequese bíblica, que forma discípulos apaixonados por Jesus Cristo. Ela nos leva a celebrar a esperança na liturgia, que dispõe para plena comunhão com Deus, que se realiza na Eucaristia. Ela, enfim, fortalece-nos na missão de anunciar a Palavra a todos os povos por meio de uma caridade criativa. Quando pessoas e comunidades são transformadas pela Palavra, multiplicam-se na Igreja e na sociedade frutos de amor, solidariedade, justiça e paz.

Convidamos todas as Igrejas particulares, com suas pastorais, movimentos, organismos, associações, novas comunidades, círculos bíblicos, grupos de família e outras expressões comunitárias, a fazer um verdadeiro mutirão de Leitura Orante em seus diversos métodos, entre os quais se destaca a *Lectio Divina*.

Deixemo-nos cativar pela Palavra. Ela faz arder nosso coração, abrir nossas mãos e torna velozes os nossos pés na missão. Maria, modelo perfeito de acolhida e de seguimento da Palavra, nos acompanhe na escuta orante e na dedicação generosa ao anúncio da Palavra a partir do testemunho da nossa vida.

Brasília, 12 de maio de 2010.

DOM GERALDO LYRIO ROCHA
Arcebispo de Mariana
Presidente da CNBB

DOM LUIZ SOARES VIEIRA
Arcebispo de Manaus
Vice-Presidente da CNBB

DOM DIMAS LARA BARBOSA
Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro
Secretário-Geral da CNBB

www.cnbb.org.br

A leitura da Bíblia na ótica dos povos da Amazônia

SANDRO GALLAZZI*

Antes de começar qualquer tipo de reflexão sobre este assunto, é preciso reafirmar com clareza o direito que as populações tradicionais da Amazônia têm de viver segundo sua fé, sua cosmovisão, suas culturas e tradições, e que esta maneira de viver é elemento indispensável da história da salvação. Só assim será possível um diálogo enriquecedor com os textos bíblicos; enriquecedor, sobretudo, pois vai nos ajudar a fazer uma leitura da Bíblia sempre renovada e libertadora.

Não podemos esquecer o gesto carregado de significado de um chefe indígena “devolvendo” a Bíblia ao Papa João Paulo II, por ter sido esta, por longos séculos, instrumento de dominação.

Devemos, sem nenhuma dúvida e hesitação, pedir perdão pelo uso que nossas Igrejas fizeram desta palavra, usada, muitas vezes, para legitimar a supremacia da cultura, da civilização e da religião europeia. É nossa obrigação reconhecer, com pesar – sem olvidar as inúmeras e valiosas exceções –, que a palavra “cristão” está, ainda hoje, associada a um mundo e a um modelo de civilização geradores de opressão, de exploração, de concentração de riquezas, de devastação ambiental e de morte.

É preciso, então, que as Igrejas façam um verdadeiro esforço de releitura do livro, para nós sagrado, de maneira a evitar que a memória de uma história de vida e de salvação seja usada para legitimar a morte e a dominação. Precisamos fazer com que a Palavra sagrada seja uma “boa notícia

* **Sandro Gallazzi** trabalha na Comissão Pastoral da Terra do Amapá, em defesa da vida e dos direitos das populações e dos ecossistemas da foz do Rio Amazonas. É doutor em Ciências da Religião, área de Bíblia, pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP.
Endereço do autor: Caixa Postal 12, CEP 68906-970, Macapá-AP.
E-mail: sandro.gallazzi@bol.com.br.

anunciada aos pobres” e não se torne um instrumento de opressão por parte dos poderosos.

Relendo a primeira parábola da criação

A cultura ocidental caiu na armadilha de pensar que a tarefa que Deus dá ao ser humano, de “submeter a terra e dominar sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus e sobre todo animal que se move sobre a terra” (Gn 1,28), significa que nós somos os elementos mais importantes da natureza, o centro da criação, que tudo que existe tem sentido quando orientado para nós e que nós podemos fazer com a natureza tudo o que quisermos. “Submeter a terra” não quer dizer grilar terras, devastar o ambiente, poluir as águas, matar os animais sem alguma razão, ser causador de morte. “Submeter a terra” não significa legitimar a propriedade privada, a concentração das riquezas e a violência exploradora e assassina.

Em todos os mitos ancestrais dos povos originários da Amazônia, a ação criadora do/s deus/es é sempre um ato que quebra e vence situações de morte e de sofrimento. É a presença da vida que supera e derrota a presença da morte.

Uma tradução incomum, mas literalmente possível, do primeiro versículo da Bíblia pode abrir horizontes e significados: “No princípio criou Elohim *com* os céus e *com* a terra” (Gn 1,1): céus e terra participam como cocriadores desta ação de vida.

A palavra de Elohim¹ é geradora de vida.

Viva a luz e viveu luz... Viva uma expansão entre as águas e viveu... E assim viveu... (Gn 1,3.6.7.9).

O verbo viver (חַיָּה/*hayah*, com o sentido de ser, existir, acontecer) se repete 27 vezes neste capítulo. Esse verbo é o radical do nome de Yahweh: o vivente que faz viver.

A leitura hieroglífica² destas letras nos diz que ח é o símbolo da vida, do ser, do que anima, e ו é o símbolo da

1. No lugar de usar a costumeira tradução “Deus”, prefiro manter a palavra hebraica Elohim com seu sentido singular e plural ao mesmo tempo. Seria algo como “Toda a divindade” e que se aplica a todas as maneiras com que nos é dado experimentar e conhecer a divindade mantenedora da vida.

2. Não devemos considerar as letras do alfabeto hebraico como simples elementos que adquirem sentido quando formam uma palavra. Cada uma delas, como os hieróglifos, tem também um sentido simbólico próprio.

potencialidade, da duração, do manifestar-se. O verbo חַיָּה, então, simboliza a vida que se manifesta e se potencializa.

A mesma “alma vivente” que faz viver Adam (Gn 2,7), faz viver os filhos das águas (Gn 1,20s), os filhos da terra (Gn 1,24), e todos, igualmente, recebem a bênção de Elohim de gerar vida: “Frutificai e multiplicai-vos” (Gn 1,22.28).

Assim, a parábola da criação de Gn 1, longe de ser uma fábula nostálgica de um passado definitivamente perdido, é memória da luta criadora e recriadora permanente em defesa do “bom” que é tudo o que vive, contra todas as forças caóticas de morte que teimam em transformar a vida em trevas e deserto.

Desde o princípio, assim proclama esta página, Elohim se manifesta com seu poder vencedor. A criação é a vitória de Elohim contra todos os “males”, simbolizados pelas trevas, pelas águas do abismo e pelo deserto (Gn 1,2).

A ação criadora de Elohim que “separa” as trevas da luz, as águas de cima das águas de baixo, a terra dos mares, transformando o deserto em prados e florestas, revela aos pobres e aos oprimidos que vale a pena confiar nele, por ser capaz de derrotar todas as forças caóticas que produzem o medo e a morte.

A vitória de Elohim se completa quando, após fazer viver a luz, o firmamento e a terra fértil, garante sua continuidade criando os “exércitos” da luz, das águas, dos ares e da terra. Apesar de sua conotação negativa e violenta, usamos a palavra bíblica “exércitos” (Gn 2,1), porque indica que as criaturas que povoam a natureza terão a incumbência de cuidar, de zelar e de defendê-la, combatendo até o fim dos tempos, contra todas as formas de morte.

Caberá ao sol, à lua e às estrelas cuidar e zelar pela luz; aos seres marinhos competirá zelar pelas águas; dos ares cuidarão os pássaros do céu e os animais deverão tomar conta do solo fértil.

A criação do ser humano – homem e mulher –, feito à imagem e semelhança de Elohim, tornará toda a obra de Elohim boa, muito boa, pronta para continuar sendo boa,

muito boa. Os exércitos de Elohim serão, assim, completos e sua vitória sobre as trevas, os abismos e os desertos poderá continuar ao longo da história, para que não voltem nunca mais.

“Submeter a terra” nos obriga, então, a cuidar e zelar por esta nossa casa comum e por tudo que nela habita, com a mesma paixão criadora e amorosa de Elohim, em vista da felicidade de todas as pessoas e de todos os seres vivos.

Como Elohim, com a presença de seu Espírito, nós, homens e mulheres, devemos continuar sua obra criadora, lutando contra todos os males que ameaçam a vida de todos e do planeta, contra a violência presente em todas as páginas da história humana e, sobretudo, da Amazônia. É um permanente processo de criação e recriação que só terminará quando pudermos viver sem mais dor e luto na “terra sem males” que todos queremos.

Relendo a segunda parábola da criação

A segunda parábola da criação (Gn 2,4b-25) nos fala da relação de Adam com Yahweh Elohim e com o jardim das delícias/Éden.

Novamente encontramos uma situação inicial de não vida, de deserto. Na primeira página o elemento vital era o “alento de Deus” sobre as águas. Agora é o “vapor”, que, hieroglificamente, indica uma “força em movimento” que encharca a *adamah*, a terra enquanto geradora de vida (Gn 2,6).

Da *adamah* Yahweh Elohim forma Adam, que “vive como alma vivente” pelo sopro de vida (Gn 2,7); da *adamah* Yahweh Elohim faz brotar toda árvore (Gn 2,9); da *adamah* Yahweh Elohim forma tudo o que vive no campo e nos céus (Gn 2,19).

Tudo que vive tem um único pai, uma única mãe, uma única vida em todas as suas diferentes formas.

Dois verbos definem esta relação com o jardim: Adam é colocado no jardim para *`abad* (servir, prestar culto) e para *shamar* (observar, obedecer, guardar) (Gn 2,16). Os mesmos

verbos que definem a relação com Deus, definem a relação com a *adamah*, com a terra.

Quando tudo começou ainda não havia vida, porque nem Yahweh Elohim tinha feito chover nem havia Adam para “servir a terra” (Gn 2,5). É dessa relação de serviço e de obediência que pode nascer e se sustentar a vida.

A Elohim que, na primeira parábola, dá nome a todas as realidades de vida quando são criadas – dia e noite, firmamento, terra e mar (Gn 1,5.8.10) –, corresponde, na segunda parábola, Adam que dá nome a todas as almas viventes (Gn 2,19-20). É o compromisso de quem conhece, cuida e se responsabiliza, como um pai que dá nome ao filho recém-nascido.

E contra toda arrogância antropológica de nossa filosofia greco-ocidental, esta página proclama que o Adam sozinho não é bom. A imagem de Deus precisa se relacionar com o jardim, com as árvores e com todos os seres vivos. Só não dá um nome diferente à mulher que reconhece como exatamente igual a si, diante de si: “Substância de minha substância, carne de minha carne” (Gn 2,23).

A proximidade desta cosmovisão bíblica com a cosmovisão dos mitos dos indígenas e dos afrodescendentes é evidente. Ler a Bíblia com os povos da Amazônia é a possibilidade que o biblista tem de se aproximar com maior facilidade do sentido originário das palavras do Gênesis. Como é difícil alcançar essa proximidade quando a Bíblia é lida nas academias e até nas nossas liturgias!

Relendo a parábola da árvore das vidas e do conhecimento do bem e do mal

A leitura costumeira desta página nos leva a aplicar o paradigma do crime-castigo. Um crime tão grande que marcou um castigo para todas as gerações: o pecado original. Um pecado do qual só foi isenta a Virgem Maria e, evidentemente, seu filho Jesus, cujo sangue derramado aplacou a ira do Pai e nos lavou de nossas culpas, mas não de nosso corpo

de morte. A morte é o castigo definitivo, a inevitável consequência do pecado de Adam e de sua mulher.

Uma leitura a partir dos povos da Amazônia, porém, nos conduz por um caminho mais amplo e menos moralista e condenatório. A terra onde estão sepultados os ancestrais é terra sagrada, é terra santa, fonte de vida: essencial para recuperar as forças vitais.

A parábola nos fala do homem e da mulher que quebram as relações de serviço e de obediência, porque querem se afastar da terra para ser como Yahweh Elohim.³ O “castigo” é voltar a servir à vida, é voltar a servir à terra. Será com dor e será com fadiga, mas o encontro com a terra será sempre vivificador.

Até que voltes à terra, porque dela foste tomado; porque tu és pó e em pó voltarás (Gn 3,19).

Voltar, retornar: *shub*.⁴ Para a palavra “converter-se”, usa-se o mesmo verbo. Converter-se a Deus e converter-se à terra. Voltar a servir e a obedecer; voltar à vida no sentido mais pleno. Não existe a palavra morte nas palavras de Yahweh Elohim.

O versículo seguinte é decisivo; é a chave de leitura do “castigo”:

E chamou Adam o nome de sua mulher havah / vida / Eva; porque vive a mãe de todos os viventes (Gn 3,20).

Só agora, neste momento que parecia de morte, Adam consegue dar um nome a sua mulher: Vida! Adam vai levar consigo a vida para fora do jardim. No conhecimento da mulher e no servir à terra, a vida poderá continuar até que tenhamos novos céus e nova terra e nunca mais haverá lágrimas e dor.

E Yahweh Elohim o enviou fora do jardim do Éden para servir à terra da qual foi tirado (Gn 3,23).

E conheceu Adam a Vida, sua mulher, e ela concebeu (Gn 4,1).

3. Esse movimento de se afastar da terra para chegar a Deus está presente também nos mitos do dilúvio e da torre de Babel. Também nestes mitos a volta para a terra é elemento vivificador.

4. A simbologia hieroglífica destas letras é conhecimento interior que faz a unidade = reconstrução da tua identidade.

Bendize o Senhor, todas as obras do Senhor

Os céus narram a glória de Deus, o firmamento anuncia a obra de suas mãos (Sl 19,1).

Todos os momentos que celebramos com hinos e salmos o nosso Deus, fazemos cotidianamente a experiência de convocar a criação toda para aclamar e proclamar suas maravilhas, celebrar sua glória, manifestar seu poder e seu reinado. Tudo que existe proclama: “Teu reino é reino de todos os séculos, teu domínio se estende a todas as gerações” (Sl 145,13). “De Yahweh é a terra com o que ela contém, o universo e os que nele habitam” (Sl 24,1-2).

A criação toda é viva: os montes pulam, os rios batem palmas, as tempestades revelam o nosso Deus.

Impressiona o cântico dos três rapazes jogados pelo imperador na fornalha ardente (Dn 3,57-90 – LXX). Escrito em grego, este texto confronta o modelo grego de ecologia e economia que pretendia se impor a toda a *oikumene* mediterrânea: uma natureza inanimada, pura matéria, cujos recursos inesgotáveis deviam ser explorados para gerar riquezas em prol dos mais fortes. A criação é viva, é animada e participa da grande louvação: *Bendize o Senhor, celebra-o e exaltai-o para sempre!*

É assim no Turé, uma dança típica dos nossos índios: tudo o que existe e vive é chamado a entrar na roda, a participar da única festa do povo, a se fazer uma coisa só conosco, penetrando na vida dos que dançam e festejam. É assim nos terreiros do candomblé e da umbanda: tudo é vida, tudo é interação; céus e terra se encontram, fecundam, produzem e se reproduzem num processo permanente de criação. Assim é na Bíblia.

Terra santa, tempos santos, comunidade santa: uma trindade indivisível que experimenta a circulação de uma única vida, a do Espírito!

Os tempos da natureza são tempos santos: novilúnios, semeaduras, colheitas, vindimas, cios das ovelhas, primícias,

vinho novo, azeite perfumado; tudo vira festa, marca os tempos, os ritmos deste útero fecundo e gerador, os gestos sagrados de um povo que celebra seu Elohim/deuses, singular e plural ao mesmo tempo.

Precisamos nos libertar da visão economicista que – seja ela capitalista, seja socialista – considera a natureza “matéria-prima” que só adquire valor quando transformada em riqueza. Na arrogância de nossa cultura ocidental, as culturas tradicionais eram chamadas, quase sempre com desprezo, de “animistas”, pois consideravam que todas as coisas e todos os seres tinham “alma/vida”. Hoje a ciência confirma esta realidade e nos obriga a resgatar os verdadeiros conceitos bíblicos de uma “criação que geme, que dá à luz, que anseia ardentemente, que espera por libertação”, exatamente como todos nós que. “tendo recebido as primícias do Espírito Santo, gememos aguardando ansiosamente a libertação do nosso corpo”, fortalecidos pelo Espírito que por nós “geme com gemidos inefáveis”.⁵

Deus Pai, Deus da vida

Na memória dos povos da Amazônia, Deus é sempre o Pai, o Deus da bênção e da promessa, o Deus da vida. Herdeiros de uma longa história de brutal exploração, eles recorrem a Deus, santos, orixás, benzedores, pajés, mães de santo, pois guardam a certeza, celebrada também em inúmeros salmos, de que Deus cuida deles, faz justiça, não abandona os que nele confiam.

A nossa lógica racionalista pode nos levar a falar de sincretismo, animismo, politeísmo, ou outras palavras de conotação negativa, mas o fundamento dessa fé popular é a consciência de que Deus está do lado da vida.

A consciência popular é muito mais coletiva do que o mundo simbólico europeu, exportado para a América Latina. Romarias, festas, novenas, danças são manifestações de um coletivo que deve ser defendido e garantido.

O povo que celebra no seu conjunto, como um todo, que “toma conta” dos santuários ou dos terreiros, que canta na

5. Rm 8,19-26. Neste texto criação, filhos de Deus e Espírito, também, formam uma espécie de trindade, na qual os três elementos formam uma realidade só na construção da liberdade dos filhos de Deus, que significa a liberdade de toda a criação.

praça da aldeia, possui a capacidade imediata de ligar a manifestação religiosa à vida da comunidade e da natureza. Todos de fato celebram, não são meros espectadores como, por vezes demais, acontece nas celebrações oficiais.

O evangelho e a teologia devem penetrar as diversas culturas. É sempre uma grande ilusão aquela de poder achar verdades e gestos religiosos que sirvam para todos os tempos, todos os lugares e todas as pessoas.

Dessa forma, a própria leitura da Bíblia fica neutralizada atrás de uma lei e de uma doutrina incapazes de mexer com as estruturas políticas, que, por serem passageiras e mutáveis, deixam de ter um valor decisional para a vida do fiel. Nesta perspectiva, fica escondido o conflito socioeconômico, pois todos poderiam ser verdadeiros fiéis de Deus, independentemente de seu lugar social, de suas posses econômicas e de suas escolhas políticas.

Também a realidade “povo” fica escondida e neutralizada, pois doutrina, rito e moral acabam sendo dimensões individuais das quais cada fiel terá que prestar conta a Deus. Cada um por si.

Destacar o valor da cultura como indispensável para a vivência do Evangelho significa devolver à Bíblia sua dimensão histórica, concreta e, por isso, capaz de abrir lugar ao Deus libertador.

É importante relembrar que montes, árvores, poços já foram legítimos lugares de encontro com Deus; cabritos, panquecas, vinho, óleo e leite já foram verdadeira matéria de culto e de celebração; pandeiros, cetras, tamborins e trombetas já serviram legitimamente para cantar os louvores de Deus; colheitas, sementeiras e vindimas já foram ocasião de grandes festas religiosas. Não podemos, em nome de uma cultura greco-europeia que fossilizou e eternizou suas mediações como únicas e universais, impor às outras culturas gestos, momentos e lugares sagrados que violentam e dominam, esmagam e oprimem.

O nosso Deus tem historicamente a capacidade de se encarnar em qualquer cultura, debaixo de qualquer mediação

para levar todas as pessoas de todas as culturas a colaborarem com a construção do Reino de Deus.

O anúncio da libertação

A hegemonia arrogante da razão, própria da cultura greco-ocidental, acaba desprezando a religiosidade popular por tudo aquilo que contém de mágico e de mítico. Para nossa sociedade racionalista tudo isso não passa de folclore (coisa do povo) e de sentimentalismo que pode ser facilmente manipulado pelas classes dominantes, como válvula de escape para manter o povo na mansidão e na submissão.

Se os povos indígenas, se as camadas mais sofridas dos povos da Amazônia, e que são as mais religiosas, vivessem ou pudessem viver dentro de um esquema tribal ou comunitário, talvez sua religiosidade pudesse ser capaz de respostas completas.

Mas, no momento que aparece o conflito econômico e político, gerado pelo Estado, essa religiosidade, apesar de sua legitimidade, corre o risco de ser usada como elemento de alienação.

Fica para nós o desafio enfrentado pelos profetas que, ao anunciar um Deus que desce na história, conseguiram fazer da história, com seu caminhar dialético, e não só da natureza, ciclicamente invariável, a grande mediação do conhecimento do verdadeiro Deus.

Por isso o Estado que nunca perseguiu Baal, sempre persegue o profeta!

Como fazer com que todos conheçam a Yahweh, o Deus do enfrentamento com o Estado opressor?

Falou Deus a Moisés e disse: “Eu sou Yahweh. Eu apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como o El Shaddai; mas o meu nome, Yahweh, não lhes foi conhecido” (Ex 6,2-3).

Talvez seja este o processo da evangelização: anunciar uma palavra que contribua para que o conhecimento de/

dos Elohim possa ser completado pelo conhecimento de Yahweh e de Yahweh que liberta (= Jesus).

O conhecimento de Yahweh é, necessariamente, mediado pela libertação:

Eu sou Yahweh e vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, vos livrarei da sua servidão e vos resgatarei com braço estendido e com juízos grandes. Eu vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou Yahweh, vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios; e eu vos levarei à terra, acerca da qual levantei a mão, que a daria a Abraão, e a Isaque, e a Jacó, e vo-la darei por herança, eu, Yahweh (Ex 6,6-8).

A partir dos pobres, dos povos oprimidos e marginalizados, a partir da periferia, analisada em todo seu contexto socioeconômico e político, procura-se redescobrir o rosto de Deus-Yahweh que assume o povo em toda contextualidade cultural e o faz encarregado de uma missão histórica.

O lugar teológico não é simplesmente o povo, mas o povo que assume para si o projeto do Reino da Vida e da liberdade.

Esse processo de “conhecimento de Yahweh” pode ser mediado pelo teólogo, pelo agente de pastoral, pelo missionário, mas devemos ter uma clareza: a verdadeira mediação virá sempre da comunidade que, relendo sua história de luta, conseguirá cantar, além das maravilhas da criação, as “justiças” que Deus opera com mão forte e braço estendido e apurar cada vez mais suas escolhas em função do Reino de Deus e de sua justiça.

Deus criador, Deus de todos os pobres

A memória do Elohim criador não deve ser, em hipótese alguma, separada da memória do Yahweh salvador dos pobres e dos oprimidos.

Bem-aventurado aquele cuja esperança está em Yahweh, seu Elohim, que fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há

6. A vitória de Deus contra trevas, águas, abismos e desertos, forças caóticas da morte, está presente de maneira significativa no Segundo Isaías (Is 42,7; 43,2.16; 44,3-4; 45,7; 48,21; 49,9; 50,2; 51,3.10). Diga-se o mesmo da palavra *tohu*/caos. O mítico adversário das origens, também, está muito presente nos textos do Segundo Isaías (Is 34,11; 40,17.23; 41,29; 44,9; 45,18; 49,4). “Porque assim diz o Senhor, que criou os céus, o Deus que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a criou para ser um caos/*tohu*, mas para ser habitada: Eu sou o Senhor, e não há outro” (Is 45,18). Ver, também, GALLAZZI, Sandro. Por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar. *RIBLA*, Petrópolis: Vozes, v. 21.

e mantém para sempre a sua fidelidade.

Que faz justiça aos oprimidos e dá pão aos que têm fome.

Yahweh liberta os encarcerados. Yahweh abre os olhos aos cegos,

Yahweh levanta os abatidos, Yahweh ama os justos.

Yahweh guarda o peregrino, ampara o órfão e a viúva,

porém transtorna o caminho dos ímpios.

Yahweh reina para sempre; o teu Elohim, ó Sião, reina de geração em geração. Aleluia! (Sl 145,5-10 e inúmeros outros salmos. Ver, também, Jd 9,11-12).

Usar a narrativa da criação para justificar a dominação sobre a natureza e sobre os outros seres humanos será, sempre, uma blasfêmia.

Não podemos esquecer que a primeira página da Gênese encontra eco – e, talvez, sua origem literária – nos capítulos 40–55 do livro de Isaías, conhecido como Segundo Isaías.⁶ Estas páginas nasceram nos momentos difíceis em que escravos e escravas viviam oprimidos no cativeiro em Babilônia.

Foi deste grupo de excluídos e excluídas que surgiu a boa notícia. Lá, do fundo do poço, surgiu uma teologia com dimensões completamente novas, inauditas, mas que vinha acontecendo desde o princípio, desde sempre (Is 41,26; 43,19).

É o anúncio do Deus Criador, da grande mãe, a única mãe geradora da vida de todos e de tudo: “Eu te formei,... eu te fiz,... eu te criei,... eu te modelei,... eu te tomo pela mão,... eu te ajudo,... eu estou contigo,... eu te dou forças,...”.

Nestas páginas, Deus deixa de ser somente o Deus de Israel. Deus é Deus de todos, até dos filhos sem família, dos sem genealogia, dos sem povo, das culturas oprimidas, excluídas, marginalizadas (Is 45,9-12). Todos são filhos dele, até os não judeus, filhos da violência, da guerra e da deportação (Is 45,23-24).

Nunca uma mensagem foi tão universal, tão abrangente, tão inclusiva!

Esta gente sofrida nos fala de um só Deus, mas com uma incrível quantidade de facetas. Tudo que é fonte de vida para o pobre cansado e desanimado é parte deste Deus que é único, mas que para cada um dos pobres assume um rosto diferente, capaz de gerar vida. Deus é único, não porque exclui, mas porque reúne em si mesmo todos os elementos de vida das religiões populares. Encontramos nele o Deus cananeu da chuva e do orvalho fecundante (Is 45,8; 55,10-11); o oleiro modelador da mitologia mesopotâmica (Is 45,9); o dominador dos mares agitados (Is 51,15) e, de maneira especial, a deusa-mãe comum a todas as culturas semitas (Is 46,3-4; 49,15; 66,9-13). Pela primeira vez Deus é chamado de Pai:

Repara desde os céus e olha desde a tua santa e gloriosa morada: Onde estão o teu ciúme e as tuas forças? O frêmito das tuas entranhas e das tuas misericórdias⁷ para comigo acabou? Porque tu és nosso Pai, quando Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece; tu, Yahweh, és nosso Pai; nosso Redentor desde a antiguidade é o teu nome (Is 63,15-16).

É um Deus único, mas “completo”: tudo que for elemento de vida, de segurança, de esperança para os pobres, ele reúne, ele soma, ele engloba numa só divindade, boa, materna, protetora, consoladora para toda esta gente sofrida: um único e completo Elohim. Os outros deuses não existem: se forem dos pobres, já estão contidos nele; se forem dos opressores, são ídolos, não são nada/*tohu*!

Única imagem de Deus é Adam, a humanidade, no mesmo tempo-imagem de Deus e produto da terra fértil/*’adamah*. Adam: homem e mulher, criados para serem os herdeiros do domínio de Deus sobre a terra. Representantes de Deus não serão os reis, os sacerdotes, os grandes, mas o homem e a mulher. Ídolos nunca mais!

Os valores presentes nestas páginas bíblicas têm muito a ver com os valores presentes na vida cotidiana dos povos da Amazônia. Trata-se de estabelecer um diálogo atento e humilde, na atitude evangelizadora de Paulo que poderíamos

7. Literalmente “útero”. É um Deus Mãe e, agora, Pai.

assim parafrasear: fazer-nos índios com os índios, caboclos com os caboclos, negros com os negros, ribeirinhos com os ribeirinhos, seringueiros com os seringueiros; fazer-nos tudo a todos e a todas.

Este imaginário de vida e de salvação inspirou os profetas que proclamaram as promessas de Deus ao seu povo sofrido:

Vou criar novos céus e nova terra... Já não haverá ali criancinhas que vivam apenas alguns dias, nem velhos que não completem a sua idade... Construirão casas para nelas habitarem, plantarão videiras e comerão de seus frutos... Os meus eleitos comerão eles mesmos o fruto do trabalho de suas mãos... (Is 65,17-25).

É assim que o jardim vai entrar em nossas casas e no nosso cotidiano, e o sinal da paz e da vida será descansar, esposos, filhos e filhas, debaixo das vinhas e das figueiras (Mq 4,4; Zc 3,10; 1Mc 14,12).

É a “terra sem males” do mundo indígena.

As afirmações bíblicas que acabamos de fazer nos abrem para uma nova reflexão: evangelizar não é impor, de cima e de fora, uma religião, uma doutrina, um rito, sobretudo, quando essa religião, essa doutrina e esses ritos são identificados com uma civilização que gerou e continua gerando dominação e morte.

Evangelizar é descobrir, é valorizar todos os sinais de vida, e são muitos, presentes nas culturas originárias dos povos da Amazônia.

Jesus anunciou assim a boa notícia que deve ser levada a todas as nações da terra.

Evangelizar a Amazônia nos obriga a ver, encontrar, valorizar, explicitar tudo que é vida, fonte de vida, garantia de vida, e denunciar, combater, repudiar tudo que é antirreino, morte, tudo que gera morte e destruição.

O evangelho anunciado aos pobres, os mistérios do Reino, escondidos aos sábios e aos entendidos e revelados aos pequeninos (Mt 11,25), nos proclamam que o Reino dos Céus é dos pobres que, no Espírito, buscam a justiça, que lutam

para que sejam consolados todos e todas que choram, para que os pequenos e os mansos possuam a terra, para que sejam saciadas a fome e a sede de justiça de todas as pessoas. O Reino dos Céus é dos pobres que, no Espírito, procuram construir relações de misericórdia, e não de ódio; de simplicidade e honestidade, e não de corrupção e ganância; de paz, e não de guerra e violência.

O Reino dos Céus é de todos e todas que, por causa disso, são perseguidos, caluniados, mortos (Mt 5,3-12).

A história da Amazônia é fecundada pelo sangue de muitos e muitas mártires que nos dão testemunho de como eles e elas procuraram, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça (Mt 6,33).

Este é o protagonismo dos pobres convocados por Jesus Cristo a realizar, em cada dia da história, os novos passos do caminho que levará todos os povos rumo ao ano da graça do Senhor, rumo à terra sem males.

Nesse caminho andam os povos da Amazônia, quando guardam com cuidadosa e amorosa atenção os bens que lhes foram entregues pelo Espírito de vida e da vida, sem se deixar seduzir por um falso modelo de progresso.

Nesse caminho andam os povos da Amazônia, quando se relacionam com a terra não como propriedade absoluta da qual fazer o que se quer, não como simples mercadoria para produzir lucros, através da especulação ou da exploração do trabalho, mas como fonte de vida, útero gerador, pachama-ma, mãe-terra farta que nos sustenta e nos alimenta, morada final e sagrada dos nossos ancestrais.

Nesse caminho andam os povos da Amazônia que, há milênios, sabem conviver com a água, a floresta, o cerrado, a savana sem provocar danos irreversíveis ao meio ambiente, respeitando todas as formas de vida e todos os seres vivos.

Não nos deixes cair em tentação

A perspectiva ou o sonho de ganhos mais rápidos e vultosos levou, várias vezes, muita dessa nossa gente e muitos

desses nossos povos a entrar na lógica mercantilista, exploradora da natureza e da vida humana.

Em vários casos, populações indígenas e ribeirinhas entregaram-se aos interesses das madeireiras e das mineradoras por alguns trocados a mais.

Muitas são as denúncias a respeito de associações e organizações populares que se deixaram envolver em esquema de desvio de recursos públicos ou se manipular e cooptar politicamente, nem sempre procurando os interesses dos associados.

Em muitos casos, também, nossas Igrejas buscaram e aplicaram, nem sempre de maneira legal, o apoio e os recursos vindos de políticos corruptos e de pessoas que, sem nenhum escrúpulo, exploravam os mais pobres.

Tudo isso nos ajuda a compreender que não basta resistir a quem nos explora e nos oprime. Os textos bíblicos nos alertam que não basta enfrentar o “faraó” e sair do Egito; é preciso aprender a “servir ao Senhor” (Ex 3,12).

A história do povo de Deus registra as muitas tentações e traições de um povo de “pescoço duro” e nos provoca ao processo permanente de conversão, para combater o “faraozinho” que carregamos na cabeça e no coração, e proclamar com nossa vida que “o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças” (Dt 6,4-5).

Não devemos esquecer que a palavra profética, radicalmente dura contra todos os que são causa da ruína do povo, é igualmente dura e exigente quando nos chama a abandonar nossos desejos idolátricos, a repartir nossos bens com nossos irmãos e irmãs mais pobres, a romper as correntes da opressão, a fugir dos cultos vazios, sem nenhum compromisso com a vida.

A esse caminho permanente de conversão, todos os povos são convidados, seguindo o exemplo de nossos ancestrais, de nossos pais e mães na fé, e seguindo Jesus, caminho, verdade e vida, para que venha a nós o Reino do Pai, seja feita a sua vontade e todos tenham pão, vivam no amor e no

perdão, não caiam nas tentações e experimentem a libertação do mal.

Questões para a reflexão individual e comunitária

1. Como o diálogo com os povos da Amazônia pode contribuir para uma releitura dos textos bíblicos numa perspectiva holística e, ao mesmo tempo, libertadora?
2. Qual o relacionamento necessário entre evangelização e culturas, que permite fazer da história, com seu caminhar dialético e não só da natureza, ciclicamente invariável, a grande mediação do conhecimento do verdadeiro Deus?
3. O Deus criador é o Deus de todos os pobres. Verifique o significado desta afirmação nos capítulos 43 e 54 de Isaías.

JONAS Profeta ou antiprofeta?

* **Francisco Orofino** é doutor em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. É educador popular, ministra aulas para leigos no Seminário Paulo VI, em Nova Iguaçu, RJ, e assessora grupos populares e comunidades de base nos municípios da Baixada Fluminense. É assessor nacional do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e autor de vários livros. **E-mail:** forofino@uol.com.br.

** **Carlos Mesters** é frade carmelita, missionário no Brasil desde 1949. Foi ordenado sacerdote em 1957. É doutor em Teologia Bíblica e um dos principais exegetas bíblicos do método histórico-crítico no Brasil, fundador do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI). É autor de quase cem livros sobre a Bíblia, próprios ou em coautoria. **E-mail:** freicarlos@pcse.org.br.

FRANCISCO OROFINO*
CARLOS MESTERS**

Uma parábola que provoca e faz pensar

A professora contou a história de Jonas. As crianças gostaram muito. Vibraram com as aventuras do mal-humorado profeta. Estranharam ao saber que Jonas fugiu da missão que Deus lhe deu. Assustaram-se com a tempestade que metia medo em todos. Riram ao saber que Jonas estava dormindo, e era o único que não rezava. E que, jogado no mar, uma baleia enorme o engoliu. Na barriga do peixe, Jonas finalmente reza. Cuspido na praia, ele por fim vai para Nínive anunciar a Palavra de Deus. Com muita rapidez, o povo de Nínive se converteu e até os animais fizeram penitência. As crianças estranharam novamente que o único que não ficou satisfeito com a conversão dos pagãos foi Jonas. Ele queria Deus só para si. As crianças gostaram e até começaram a fazer desenhos de Jonas na barriga do peixe.

No fim, houve este diálogo entre a professora e as crianças:

Professora: “A Bíblia conta esta história bonita, mas a ciência diz que gente grande não passa pela garganta estreita de uma baleia”.

Criança: “Tia, como é que a senhora sabe? A Bíblia não diz que passou?”.

Professora: “Eu sei que a Bíblia conta, mas a ciência diz que isto é impossível!”.

Criança: “Então, tia, mais tarde no céu eu vou verificar com o próprio Jonas! Ele deve saber melhor”.

A professora não foi feliz nas suas explicações. Ela não se deu conta de que as crianças, muito mais do que nós adultos, são capazes de perceber e captar o significado profundo do simbólico. Mas ela, insistindo no racional dos resultados da ciência, causou o efeito contrário do que quer o próprio texto. Em vez de manter a porta aberta para a dimensão simbólica da história de Jonas e, assim, liberar nas crianças a imaginação em direção a Deus, ela provocou nelas uma atitude fundamentalista que fecha as pessoas para a percepção do simbólico e as leva a assumir tudo ao pé da letra. E aí acontece o que dizia São Paulo: “A letra mata!” (2Cor 3,6). Ela quase matou nas crianças a possibilidade de captar o sentido. Matar não matou, porque a intuição das crianças foi mais forte. Ela *venceu*-as com seus argumentos, mas não as *convenceu*!

O livro de Jonas é uma parábola que quer sacudir a letargia do povo de Deus. É um livro cheio de surpresas provocadoras. E talvez seja por isso que esta novela tenha sido catalogada como profecia. De forma surpreendente, o livro de Jonas encontra-se agora entre os “Doze Profetas” (Eclo 49,10). Ou seja, na elaboração da lista dos profetas, os redatores consideraram esse livro profético, ainda que nele Jonas não é designado como profeta.

O Segundo Livro dos Reis (2Rs 14,25) lembra a existência de um profeta chamado Jonas, filho de Amati, que atuou durante o governo de Jeroboão II (cerca de 783 a 743 a.C.), provavelmente contemporâneo do profeta Amós. Talvez este tenha sido o motivo pelo qual o livro de Jonas foi considerado profético. Mas basta uma rápida leitura para vermos que não se trata de um livro profético. Seu estilo literário o aproxima mais das chamadas novelas populares de resistência, elaboradas na época da ocupação persa (entre 539 e 333 a.C.).

O conteúdo do livro de Jonas é meio desconhecido, mas a imagem de profeta engolido por uma baleia até hoje povoa o imaginário popular. Basta lembrar a reação das crianças. Muita gente fica discutindo se era peixe ou baleia, e geralmente a discussão descamba para minúcias secundárias

que nada têm a ver com a história narrada no livro. Caímos no erro da professora que fechou a porta para a percepção do verdadeiro sentido da história de Jonas.

Precisamos olhar o conteúdo mais de perto e com diferentes chaves de leitura para captarmos a riqueza da espiritualidade presente nesta novela. Uma espiritualidade que brota da consciência popular a respeito da vocação original do povo de Deus. Afinal, fica bem claro que Jonas é um grande símbolo do momento em que vive o povo de Deus. Assim como Jonas, o povo de Deus foge do chamado para a missão. Tem medo de enfrentar os desafios da pregação numa grande cidade. Diante das dificuldades, dorme enquanto todos rezam. Finge que nada do que acontece tem a ver com suas opções e decisões. Jonas não apenas desobedece a Deus. Na realidade, ele tem raiva da grandeza da misericórdia de Deus. Não suporta que Deus acolha e perdoe todas as pessoas que com sinceridade e de coração humilde e contrito se inclinavam diante dos seus sinais, manifestados pelo próprio Jonas. Jonas se parece com o fulano que diz: “Deus deve agir como eu quero. Eu só obedeco se Deus fizer a minha vontade. Se não for assim, pior para Deus!”. O povo, representado em Jonas, esqueceu que é apenas instrumento de Deus para a realização dos planos de Deus.

Parece muita coisa para um livro tão pequeno. Vamos conhecer o conteúdo do livro de Jonas através de sete chaves:

1ª Chave: a falta que faz um ponto de ironia!

Quando escrevemos algum texto, somos auxiliados por muitos sinais e pontos. Temos o ponto de interrogação (?), o ponto de exclamação (!), o ponto mesmo (.), a vírgula (,), o ponto e vírgula (;), os dois pontos (:) etc. Mas não temos um “ponto de ironia” para indicar que o texto escrito deve ser lido na perspectiva do humor e do riso. O livro de Jonas bem merecia vários “pontos de ironia”. Afinal, é um livro para dar uma boa risada.

A figura e as atitudes do profeta Jonas são mesmo de rir! Por exemplo, quando Jonas é chamado por Deus para uma missão, ele foge para a direção oposta (Jn 1,3). É como se Deus tivesse mandado Jonas para Belém do Pará e ele pegasse um navio e fosse para o Rio Grande do Sul. Ou seja, Jonas é servidor de Deus, só que não o obedece! Na viagem, enquanto todos estão vigilantes e preocupados por causa da tempestade violenta, Jonas dorme solto (Jn 1,5)! Quando todos os marinheiros começam a rezar, Jonas é o único que não reza (Jn 1,6)! Ele sabe que é a sua desobediência que está colocando a vida dos outros em perigo, mas não está nem aí (Jn 1,12). É um profeta que pensa antes de tudo em si mesmo e no seu próprio bem-estar.

A fé de Jonas é mesmo estranha! Ele é um profeta esquisito que não aceita a proposta de Deus. Acha Deus misericordioso demais (Jn 4,2). Bom demais! Ele prefere um Deus vingativo e colérico, pronto para destruir e matar (Jn 4,5). E não aceita quando Deus se revela diferente daquilo que Jonas pensava dele. Por isso mesmo é um profeta que nas suas falas mistura raiva, tristeza, desânimo, revolta, frustração e autojustificativas.

Jonas é um profeta mal-humorado, covarde e vingativo! Ele só se alegra quando descobre a sombra gostosa dada por uma planta que cresce do nada (Jn 4,6). E essa planta com sua sombra para ele vale mais do que uma cidade inteira com mais de 120 mil habitantes (Jn 4,9-10)! Com que facilidade ele se apega a uma planta efêmera, mas está disposto a ver cair fogo do céu sobre Nínive e todos os seus habitantes!

Olhando a figura de Jonas, percebemos que um livro assim, que traz a imagem de um profeta dessa maneira ridícula, é mesmo um livro para rir. Rir e pensar! Faz pensar! Será que esse Jonas é mesmo um profeta ou um antiprofeta?

2ª Chave: é uma novela popular

Isso porque o livro de Jonas, embora esteja entre os livros dos Doze Profetas, não é um livro profético no sentido de ter sido escrito por um profeta ou de recolher os ensinamentos

originados pela pregação de um profeta. Temos que considerar o livro de Jonas como uma novela popular, cujas origens se encontram na cultura do povo de Deus. Uma cultura popular que se manifesta em cantos, autos e peças teatrais. Na verdade, trata-se de uma grande parábola de fina ironia. No entanto, mesmo não sendo um livro escrito por um profeta, sua mensagem tem o vigor de uma profecia popular que denuncia o caminho errado dado ao povo pelas autoridades religiosas daquela época e convida o povo de Deus para uma conversão muito séria e profunda. Uma conversão necessária para assumir os desafios da missão.

No pós-exílio, durante o período persa (entre 538 e 333 a.C.), havia uma intensa atividade literária na pequena província de Judá. Os sacerdotes estavam elaborando os códigos litúrgicos e legais que originaram o Pentateuco. Enquanto isso, os sábios eruditos criavam os livros sapienciais, sistematizando e organizando os antigos provérbios recolhidos na época da monarquia (cf. Pr 25,1). Paralelo a este trabalho dos sábios, o povo reunia suas histórias, peças e parábolas, contadas e recontadas ao longo dos tempos, apresentando uma mensagem que criticava o fechamento dos sacerdotes e dos sábios eruditos. Eram as Novelas Populares de resistência. Assim, livros como Rute, Cântico dos Cânticos, Jonas, Tobias, Judite e Ester apresentam estas características. Estes livros são todos do período persa. Alguns receberam sua redação final no período da ocupação grega (entre 333 e 64 a.C.). O importante é que eles preservam a maneira de o povo pensar e se expressar. São livros que fazem uma opção pelo povo e sua cultura. São profecias embebidas das espiritualidades e devoções populares.

Como todas as novelas, estes livros registram as experiências próprias do povo, com seus problemas e suas soluções. Os seus personagens principais são figuras históricas conhecidas que viveram num longínquo passado. Assim, no nosso caso, a parábola de Jonas alude a certo profeta Jonas que viveu durante o reinado de Jeroboão II, reinado que aconteceu há mais de duzentos anos antes, entre 783 e 743 a.C. (cf. 2Rs 14,25). O mesmo vale para a história de Rute, que

é projetada na época dos Juízes (Rt 1,1). Em torno destes personagens, o povo contava suas histórias, projetando no passado seus conflitos, sem maiores preocupações de exatidão com a geografia da época. Assim, quando o livro de Jonas foi redigido, a cidade de Nínive já estava destruída há muito tempo. Esta é uma maneira muito própria de o povo enfatizar suas experiências acumuladas ao longo da sua caminhada. Hoje acontece a mesma coisa. Por exemplo, a literatura popular de cordel do Nordeste alude ao rei Sebastião de Portugal para transmitir luzes e verdades sobre o Nordeste atual.

O mais importante é que nestes livros o povo de Deus soube guardar sua memória e seu projeto original. Estas novelas mostram que há no povo uma resistência à religião, à teologia e ao pensamento daqueles sábios que procuravam centralizar e monopolizar as manifestações religiosas do povo nas celebrações que eram feitas no templo de Jerusalém. O livro de Jonas mostra e confirma o que Jesus ensinou: de fato Deus esconde certas coisas aos sábios e entendidos e as revela aos pequenos e humildes (cf. Lc 10,21; Mt 11,25).

3ª Chave: o contexto da época

Durante o período da dominação dos persas, a reforma religiosa promovida por Esdras deu aos sacerdotes do templo de Jerusalém a pretensão de aprisionar a Palavra e o Espírito, determinando os rumos da salvação e até do próprio Deus. Só os puros israelitas seriam salvos e atendidos em suas preces. Esdras recebeu poderes especiais do rei da Pérsia para executar esse projeto:

Quanto a você, Esdras, de acordo com a sabedoria do seu Deus, a qual você tem nas mãos, nomeie magistrados e juizes, que apliquem a justiça para todo o povo do lado ocidental do rio Eufrates, para todos os que conhecem a lei do seu Deus. E a ensine para os que não a conhecem. Quem não obedecer à lei do seu Deus, que é a lei do rei, será castigado rigorosamente, com morte ou exílio, multa ou prisão (Esd 7,25-26).

Numa medida desesperada, buscando manter a pureza do povo de Deus, Esdras chegou a expulsar as mulheres estrangeiras (cf. Esd 10,10-11.44; Ne 8,1-12).

O livro de Jonas ri dessa pretensão dos sábios e dos sacerdotes, e mostra que Deus não está apenas preocupado com o povo eleito, mas com toda e qualquer pessoa neste mundo. O povo, na sua caminhada tortuosa através da história, é instrumento de Deus para levar uma mensagem de esperança e de amor para todos os povos, simbolizados aqui na cidade de Nínive. Assim como na novela Jonas reluta e foge, também na realidade o povo, catequizado por essa mentalidade estreita e tacaña dos escribas, estava relutando, com medo, fugindo de sua missão. Mas assim como Deus soube trazer Jonas de volta na barriga do peixe, do mesmo modo Deus será capaz de trazer o povo de volta do outro lado do mar, na barriga de um peixe, para dar testemunho da verdade.

Esta chave foi importante para Jesus de Nazaré. Relendo a parábola de Jonas para o povo de sua época, ele mesmo diz que Jonas é um sinal (Mt 12,39). O próprio Jesus, depois de três dias na barriga da terra, ressuscitou, voltou para ser a luz para todo ser humano que habita este mundo (cf. Jo 1,9).

Elaborando parábolas assim, o povo na sua vida simples, tirando coisas novas e velhas do tesouro da vida (Mt 13,51) e da experiência acumulada, vai apontando os caminhos de Deus para toda a humanidade.

4ª Chave: as surpresas presentes na parábola de Jonas

Naquela época, o método de educação popular eram as parábolas. Esse método exige que o ouvinte entre na lógica do narrador. Dessa maneira, quem narra uma parábola procura quebrar a lógica tradicionalista dos ouvintes com surpresas inesperadas e exageros intencionados. Toda parábola tem um exagero pedagógico. Este truque é necessário porque, numa parábola, quem dá a palavra final não é o narrador, mas o ouvinte! No fim da parábola do Bom

Samaritano, Jesus pergunta ao doutor da lei: “Na tua opinião, quem foi o próximo...?” (cf. Lc 10,36-37). Vejamos mais de perto esses exageros.

É surpreendente que, ao contrário de Jonas, todos os pagãos presentes na história aparecem melhores do que o próprio Jonas. É como se a parábola quisesse ensinar que os pagãos são mais santos e devotos que os puros israelitas, simbolizados em Jonas.

É surpreendente que os pagãos rezam com mais facilidade diante da tempestade, enquanto Jonas dorme (Jn 1,5-6). Os marinheiros se convertem a Javé com tranquilidade depois que a tempestade foi acalmada (Jn 1,16), enquanto Jonas só reza e se converte quando está na barriga do peixe (Jn 2,2). A parábola insinua que os fiéis puros só se lembram de rezar mesmo na hora do aperto e da angústia!

É surpreendente que Nínive, uma cidade que leva três dias para ser atravessada, se converte totalmente já no primeiro e único dia da pregação de Jonas (Jn 3,4-5). O próprio rei de Nínive, que simboliza o imperador da época e de todas as épocas, se converte com uma facilidade incrível e promove um jejum total para humanos e animais (Jn 3,6-9). Todos os pagãos rezam com facilidade e são profundamente religiosos, contrastando com o mau humor e a má vontade de Jonas.

Numa palavra, o livro ridiculariza um profeta que age em nome de Deus, mas teima em permanecer fechado em suas próprias ideias sobre Deus. Percebemos, no final, que Deus tenta converter Jonas através da tempestade, do capitão, dos marinheiros, do grande peixe, dos habitantes de Nínive, do rei de Nínive, dos animais de Nínive, da mamoneira... E o livro acaba com uma interrogação: será que Jonas se converteu? Será que mudou sua ideia sobre Deus? O livro apenas coloca um perigo que nos ronda continuamente!

5ª Chave: estrutura do livro de Jonas

Como o livro de Rute, o livro de Jonas parece bem uma peça de teatro popular em quatro atos. Cada ato da peça é

um capítulo do livro. Podemos pensar mesmo que a origem do livro são autos populares, tão comuns em nosso país. Quem não conhece a grande parábola que é o Auto da Compadecida?

No primeiro ato (capítulo 1), temos a convocação e a fuga de Jonas, bem como os acontecimentos de sua atribulada viagem. No segundo ato (capítulo 2), temos a conversão e a oração angustiante de Jonas na barriga do peixe. No terceiro ato (capítulo 3), temos a pregação de Jonas e a surpreendente conversão do povo de Nínive após um único dia de pregação.

No quarto e último ato (capítulo 4), temos a irritação de Jonas contra Deus e o episódio da mamoneira. Não há uma conclusão explícita ou escrita. A conclusão fica por conta de quem viu o teatro ou leu o livro. Dessa forma, o livro de Jonas envolve o espectador ou leitor no próprio enredo da peça. É um final que questiona e provoca uma resposta. Como dissemos antes, o livro é uma parábola, e numa parábola, quem dá a conclusão não é o narrador, mas sim o ouvinte, como dizia Jesus: “Quem tem ouvidos, ouça!” (Mt 11,15; 13,9; Mc 4,9.23; 7,35; Lc 8,8; 14,35). Ou seja: “É isso! Vocês ouviram, e agora tratem de entendê-lo!”.

6ª Chave: uma chave geral para captar o sentido da parábola

Diante dos desafios do seu tempo, o povo daquela época elaborou a parábola de Jonas para ajudar o pessoal a tomar uma posição ante as coisas que estavam acontecendo. Jesus fez a mesma coisa. Diante dos desafios que ele e o povo estavam enfrentando, fez uma releitura da parábola de Jonas e disse que o único sinal a ser dado às autoridades religiosas que o interpelaram era o sinal de Jonas (Mt 12,39).

Hoje temos que fazer a mesma coisa: reler a parábola de Jonas perante os desafios que enfrentamos e que são abordados no livro de Jonas:

- 1) Hoje, o maior desafio que enfrentamos é a evangelização das grandes cidades. Jonas evangelizou a cidade de Nínive, símbolo das grandes cidades da época. Como evangelizar hoje as grandes cidades?
- 2) Hoje, o medo toma conta de muita gente. Muitos fogem da missão e caem na mediocridade. Jonas teve medo e fugiu. Não quis executar a missão que recebeu de Deus. Mas os fatos o levaram a redescobrir a missão e ele venceu o medo e obedeceu. Como vencer o medo que paralisa tantas pessoas hoje e as leva a desistir da missão?
- 3) Hoje também estamos, a Vida Religiosa e também nossa Igreja e suas instituições, vivendo o tempo escuro de incertezas, o mesmo que Jonas viveu na barriga do peixe. É o mesmo processo que passou Saulo de Tarso, nos três dias num quarto escuro na casa de Judas, sem ver nem comer ou beber, aguardando um sinal de Deus (cf. At, 9,9). Dentro da barriga do peixe nos perguntamos: Quando será que veremos luz novamente? E em que praia este peixe vai nos cuspir? Que missão devemos assumir, quando sairmos dessa escuridão e formos cuspidos numa praia? Qual será a grande cidade para onde nos envia o Senhor? Vivemos tempos difíceis!
- 4) Hoje, um grande desafio é sabermos acolher o diferente, as pessoas que não rezam nem pensam como nós. Jonas agarrou-se de tal maneira à forma de crer que aprendeu desde criança, que não quis saber de ideias, espiritualidades ou teologias diferentes da tradição em que foi educado e formado. A parábola quer mostrar que Deus não é como Jonas o imaginava. Um grande desafio para a Vida Religiosa hoje é saber acolher propostas religiosas diferentes e, ao mesmo tempo, sabermos trabalhar nossas próprias ideias religiosas, algumas muito fechadas, que nos tornam intolerantes, impedindo de acolhermos o diferente. Será que, como Jonas, vamos continuar pensando que Deus deve obedecer à nossa teologia, às nossas rezas e às nossas Constituições?
- 5) Com que facilidade Jonas se apegava à sombra gostosa de uma mamoneira... Como hoje nós nos apegamos às

nossas mamoneiras. Elas nos dão uma sombra gostosa e a elas nos apegamos facilmente a ponto de, quando secam, perdermos o sentido da vida e dizermos como Jonas: “Se é assim, Javé, tira minha vida!”.

7ª Chave: voltando à conversa da professora com as crianças

A professora não conseguiu convencer as crianças. Sem se darem conta, elas entenderam a história de Jonas melhor do que a professora. A conversa teve um fim meio tragicômico:

Professora: “A Bíblia conta esta história bonita, mas a ciência diz que gente grande não passa pela garganta estreita de uma baleia”.

Criança: “Tia, como é que a senhora sabe? A Bíblia não diz que passou?”.

Professora: “Eu sei que a Bíblia conta, mas a ciência diz que isto é impossível!”.

Criança: “Então, tia, mais tarde no céu eu vou verificar com o próprio Jonas! Ele deve saber melhor!”.

Professora: “E se, por acaso, Jonas estiver no inferno, o que você vai fazer?”.

Criança: “Aí, tia, a senhora vai verificar com ele!”.

A criança não deixou por menos. Não acreditou nos argumentos da professora. No fundo ela, insistindo que “gente grande não passa pela garganta estreita de uma baleia”, não soube tirar a poeira da letra. Tomou a história ao pé da letra e, assim, matou o sentido em nome da ciência. Ela não foi capaz de descobrir a mensagem encerrada na letra. A leitura errada da letra matou nela a possibilidade de descobrir o sentido verdadeiro do livro de Jonas. Baseou-se numa ciência superficial para negar a história da baleia, mas não usou a ciência verdadeira que poderia ajudá-la a descobrir o sentido que existe dentro da letra. O fundamentalismo é inimigo da verdade. Devemos estudar a letra, a linguagem, o estilo, a expressão literária, o simbolismo, o contexto histórico e procurar descobrir a intenção, o fio da meada,

as convicções de fé que neles se expressam. E não é só isto! Há algo mais. E aqui chegamos ao *desafio maior* do livro de Jonas e da Bíblia como um todo.

Para além do texto bíblico, para além das doutrinas e dogmas, para além das imagens tradicionais de Deus, e também para além das conclusões tão importantes e tão revolucionárias da ciência de hoje, existe nos povos e em todos nós uma intuição teimosa que sempre renasce, até nas crianças, mesmo quando abafada por uma ciência imatura que, às vezes, pretende ser infalível, ou por um dogmatismo religioso que, muitas vezes, se considera dono da verdade. Trata-se de uma intuição mística, anterior a tudo que fazemos na ciência ou na religião. Voz silenciosa, frágil, sem palavras, que sobe do fundo do inconsciente coletivo da humanidade e nos diz: “Deus existe, ele está conosco, ele nos ouve; dele dependemos, nele vivemos, nos movemos e existimos. Somos da raça do próprio Deus” (cf. At 17,28). E o coração humano murmura: “Sim, tu nos fizeste para ti, e o nosso coração estará irrequieto até que descanse em ti!”. As crianças, sem se dar conta, chamaram a atenção da professora para esta dimensão escondida nas letras do livro de Jonas.

Questões para a reflexão individual e comunitária

1. Em que podemos relacionar a nossa ação profética com o perfil de Jonas?
2. “Deus não está apenas preocupado com o povo eleito, mas com toda e qualquer pessoa neste mundo.” Como experimentamos o concreto desta afirmação em nosso ministério junto ao povo, que o Senhor confia ao nosso apostolado?
3. Em quais aspectos de Jonas percebemos a atuação do “antiprofeta”?
4. Fazer a Leitura Orante de Jonas, iluminada com Lc 10,21 e Mt 11,25.

Resgatando São João para uma espiritualidade libertadora

RONALDO L. COLAVECCHIO, SJ*

O Evangelho de São João tem sido chutado para escanteio nas últimas décadas.

Isso porque, na opinião de alguns, João é demais “alto” na sua cristologia e espiritualista na sua orientação para servir como inspiração de um compromisso com os pobres do nosso continente. O Jesus que João nos apresenta é tão sublime que pouco ajuda o leitor a adquirir uma visão crítica da sociedade e da responsabilidade de se tornar sujeito da história. Nesta mesma linha de pensamento, o tema do Reino de Deus que predomina nos sinóticos oferece mais condições de perceber o caráter conflituoso da vida histórica de Jesus. O Jesus dos sinóticos é mais próximo dos pobres. Enquanto o Jesus de São João nos avisa, de maneira meio fatalista, que teremos os pobres sempre conosco, o dos sinóticos convida o leitor a partilhar da construção de uma nova sociedade onde haverá uma reviravolta de valores e de situações sociais.

Isso não quer dizer que João foi esquecido entre nós religiosos e entre o povo das nossas comunidades. Nem podia ser. Pois a liturgia mantém o Evangelho de João numa posição de destaque durante as sete semanas de Páscoa. Neste Tempo, João enriquece todos nós que meditamos sobre trechos que se gravaram no coração cristão. As reflexões baseadas em João fazem bem a nós religiosos, pessoal e apostolicamente, como também ao povo das nossas comunidades.

Então, a leitura de João é consoladora; isto todos podem admitir. Mas que tipo de espiritualidade se alimenta com essa consolação? Alguns veem aqui o perigo de se aproveitar

* **Padre Ronaldo L. Colavecchio** é jesuíta licenciado em Teologia. De 1969 a 1981, esteve envolvido em evangelização nos colégios da rede oficial de Salvador (BA). Mais tarde, atuou em Marabá (PA), realizando trabalhos pastorais. Atualmente, vive em Manaus (AM), onde ensina o Novo Testamento no Centro de Estudo do Comportamento Humano (Cenesc) e é diretor espiritual do Seminário Arquidiocesano. **E-mail:** colavecch@hotmail.com.

de João para recuar de uma religiosidade conflituosa, para refugiar-se num tipo de espiritualidade intimista e descomprometida com a história. E o pior é que este perigo é real! O Evangelho de João é passível de uma leitura que distancia o leitor da realidade humana. Em João, Jesus conhece de antemão o que está nas pessoas. Chama a sua mãe pela palavra enigmática: “Mulher”. Ao ser preso no jardim, faz a turba cair para traz, duas vezes, ao se identificar: “Eu sou!”.

Ainda nos tempos apostólicos, no fim do primeiro século, o Evangelho sofria deste tipo de leitura espiritualista e a-histórica. Tanto assim que um autor da escola joanina se sentia obrigado a escrever sua Primeira Carta, afirmando que “Jesus veio na carne”. Qualquer ensinamento que negasse a verdadeira humanidade que o Verbo assumiu, ou que não valorizasse a sua caminhada histórica, “não vem do Espírito de Deus” (1Jo 4,3).

O Evangelho de João relata a história de uma pessoa plenamente humana, inteligente e livre, participante da nossa realidade, vivendo os seus valores dentro de um contexto socioeconômico muito complexo. É um líder que responsabiliza os seus seguidores a se tornarem com ele sujeitos de uma nova etapa da história humana e núcleo de uma sociedade que irá refletir a maneira de ele viver. Por seu próprio exemplo, ensinou seus amigos a assumir o custo de permanecer fiéis a esta missão, mesmo sendo mal-entendidos e odiados pela sociedade na qual se encontravam. E, no fim, esperava a resposta de Deus à sua fidelidade filial. Nisso, o Jesus de João é tão humano como o é o Jesus dos Evangelhos Sinóticos.

A atuação conflituosa de Jesus no Evangelho de São João

Quando perguntamos a um cristão por que foi que Jesus morreu, a maioria das vezes a resposta será: ele morreu por nossos pecados. Ou seja, a pessoa dará uma resposta *teológica*. Isso mostra como a catequese foi muito forte em apresentar essa dimensão da nossa fé.

Na verdade, esta questão da morte de Jesus como sendo “por nossos pecados” já foi tratada amplamente por São Paulo nas suas Cartas, escritas nos anos 50, quase uma geração antes de o primeiro Evangelho ser escrito. Nos três sinóticos, tal questão aparece de várias maneiras, especialmente na cena da Instituição da Eucaristia, na oferta por Jesus do seu Corpo “dado” e do seu Sangue “derramado” – “por nós”.

No Evangelho de João, há a linguagem sacrificial que Jesus usa em João 6, ao falar de sua Carne, que ele “dará para a vida do mundo” (6,51), e ao se referir à sua “Carne” e ao seu “Sangue,” separadamente. Carne e Sangue, *separados*, sugerem a imolação da vítima sacrificial, que, neste caso, é o Cordeiro de Deus. Nesta linha, se poderia citar, também, o gesto do lava-pés no qual Jesus dramatiza a “purificação” que Pedro terá de aceitar, “para ter parte com Jesus”. A comunidade joanina veio a compreender que esta purificação foi realizada “no sangue” de Jesus (1Jo 1,5b).

Então, nenhum Evangelho ignora a questão *teológica* da morte de Jesus. Mas, antes de tudo, os quatro Evangelhos são *narrações*. Nisto, pretendem mostrar-nos como foi que as coisas vieram a acontecer. Mais especificamente, o que foi que Jesus falava e fazia naquele momento histórico e naquele contexto social que o levou a ser crucificado?

Se olharmos bem, a resposta que João oferece a esta questão é a mesma dos sinóticos: *Jesus morreu porque, na obediência ao seu Pai, ele tinha uma prioridade ética e um projeto social diferentes daqueles da sociedade judaica e do Império Romano; e ele estava consciente da sua autoridade e da sua liberdade de agir em prol de tal prioridade.*

Esta constatação se comprova quando comparamos trechos dos diferentes Evangelhos que têm a ver com a decisão dos líderes de matar Jesus. Olhando primeiro João, o que chama mais atenção é a cura, no dia de sábado, de um homem que tinha sido paralisado por trinta e oito anos, e as constatações de Jesus àqueles que condenam esta violação do sábado (Jo 5,1-19). O paralisado era um sujeito apático, acomodado a sua situação. Nunca arranjava nenhum amigo

que o levasse uns metros até a água milagrosa. Não mostrava fé em Jesus, nem antes nem depois da cura. Quando os fariseus o acusaram de violar a lei de sábado, por carregar seu leito, o ex-paralítico só se preocupou em justificar a si mesmo com as autoridades, sem pensar na situação de Jesus: “Foi aquele homem que me ordenou a fazer isso”. Já no primeiro contato, Jesus havia percebido que aquele homem não era candidato a discípulo. No momento, não tinha a subestrutura humana necessária para isso. Assim, Jesus não entrou em diálogo com ele para conduzi-lo a um maior conhecimento da sua pessoa, nem antes nem depois da cura. Somente oferecia-lhe o aviso que qualquer judeu piedoso daria: “Não pecar mais”. A cura era sinal da solicitude do Pai diante de uma necessidade humana.

Neste trecho de João 5,1-19, sobre a cura do paralisado, não estamos longe do pensamento dos sinóticos em relação à razão da morte de Jesus. Só que, neles, em vez de um paralisado, se trata de um homem com uma mão aleijada. O leitor pode conferir Mc 3,1-6; Mt 12,9-14; Lc 6,8-11; 13,10-17. É importante notar que, tanto nos sinóticos como em João, Jesus baseia sua autoridade de agir no dia de sábado na sua identidade com uma figura transcendente. Nos sinóticos, antes de curar, ele afirma: “O Filho do Homem é Senhor do sábado” (Mc 2,28; Mt 12,8; Lc 6,5). Em João, depois da cura, ele constata que: “Meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho”. Esta reivindicação de uma autoridade divina complica a situação de Jesus.

Todos os evangelistas atribuem a morte de Jesus a um fato histórico, ou seja, a sua atuação no sábado. Na verdade, os exegetas nos informam que dificilmente Jesus seria morto por ter curado um homem no dia de sábado. Alguns fariseus até iriam concordar com a cura do paralisado. *Mas o que os Evangelhos estão mostrando é a maneira pela qual toda a atuação de Jesus subverte a ideologia religiosa hegemônica, por afirmar que a salvação depende de se crer nele como Filho de Deus e do seguimento da sua maneira de valorizar cada pessoa humana acima de qualquer norma, tradição ou modelo socioeconômico que operasse para prejudicar as pessoas.*

No Evangelho de João, como nos sinóticos, a liberdade de Jesus agir e a afirmação da sua autoridade divina vão lhe custar a vida. Assim, o evangelista nos informa que os judeus “perseguiam” Jesus porque ele “fazia tais coisas no sábado”. Era o jeito *habitual* de atuar com tanta autoridade e liberdade que ameaçava o sistema dos fariseus. E quando Jesus afirmava que ele, “o Filho”, estava agindo como via o Pai agir, então os líderes religiosos “procuravam matá-lo com mais empenho ainda”. Isto é, estando já determinados, esta última afirmação os fez ainda mais determinados!

Na cena da purificação do Templo (2,13-22), João nos mostrou Jesus exercendo uma autoridade maior do que aquela dos sumos sacerdotes, ao contrariar determinações deles, enquanto referia ao Templo como sendo “a casa do meu Pai”. Depois, ele fez uma alusão velada à sua morte e ressurreição: “Destroí este templo...”. Agora, Jesus está contestando a ideologia de mais um poderoso grupo religioso, os fariseus, que se fazem guardiões da Lei. No fim do Evangelho, será a vez do Império Romano, na pessoa do governador. Jesus está bem consciente de que o exercício da sua liberdade de agir em prol dos pobres e dos sofridos entra em conflito com interesses, tradições e estruturas que se tecem dentro da fábrica de qualquer sociedade humana. Pois tal ética e tal liberdade desafiam as pressuposições com as quais “o mundo” classifica as pessoas em categorias, de santas e pecadoras; de incluídas e excluídas; de avançadas ou atrasadas; de produtivas ou descartáveis; de amigas ou inimigas. E, se formos ver, estas mesmas categorias são operacionais em nossos dias, nos esquemas de grupos dominantes e de nações inteiras, que não querem que suas prioridades e seus políticos sejam examinados à luz da justiça social e da solidariedade com todos os mais fracos. Talvez por isso que Jesus tenha dito que “pobres tereis sempre conosco”. São nestas trevas de injustiça e ganância que a luz do Evangelho deve brilhar.

Jesus vai morrer por revelar um Deus que é inconveniente demais para o bom andamento da sociedade. Assim, vemos como a história da trajetória de Jesus em São João está tão

longe de ser um recuo da realidade social como o são os Evangelhos Sinóticos. Ao contrário, é *conflituosa do início ao fim*. É o conflito entre o mundo e a verdadeira luz. Começa com um inquérito movido pelos sumos sacerdotes contra João Batista; perpassa o incidente de Jesus no Templo; aparece no encontro contracultural de Jesus com a samaritana; vai para a discussão, em forma de processo judicial, depois da cura do paralítico; continua nas onze tentativas dos líderes religiosos de prender e matar Jesus, nos capítulos 7 e 8 do Evangelho; surge de novo em forma de acirradas discussões após a cura de um cego de nascença no dia de sábado; depois, se vê na “interrogação” de Jesus na casa do ex-sumo sacerdote, Anás, o mesmo que “profetizou” que Jesus tinha de morrer, “para que a nação não pereça”. Finalmente, revela-se em Jesus desafiando Pilatos a enxergar “a Verdade”, o que a ideologia carreirista e imperialista do governador não lhe permite fazer.

Realmente, na narração de João, vemos com muita clareza a razão *histórica* da morte de Jesus. É interessante notar que, falando exegeticamente, essa convergência dos quatro Evangelhos a respeito da morte de Jesus cumpre dois “critérios da historicidade”, que seriam:

1. *múltiplo testemunho* (diferentes fontes atestam o mesmo fato);
2. *rejeição* (explicação crível da rejeição de Jesus na sua sociedade).

Assim, temos confiança de que aquilo que vimos nos Evangelhos é realmente aquilo que aconteceu na vida de Jesus de Nazaré. Estamos no chão da realidade que ele vivia, e na qual morreu. É o mesmo chão no qual nós religiosos somos chamados a caminhar hoje. É o seguimento de um Jesus que liberta de esquemas desumanos, enquanto ele nos oferece mais vida, em todos os sentidos desta palavra.

O Verbo encarnado faz de nós doadores de mais vida aos nossos irmãos

Todos os Evangelhos foram escritos para mostrar que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Enquanto apresenta a *história* de Jesus agindo dentro da sua sociedade, cada evangelista está apresentando também a sua visão *pós-pascal* do Nazareno, que agora é o Senhor e Cristo. Assim, em todos os sinóticos, uma Voz do Céu afirma duas vezes que Jesus é “Filho amado!”. Consciente de ser “O Filho” que tem um relacionamento único e transcendente com seu Pai (Mt 11,27; Lc 10,21), Jesus é conduzido pela força do Espírito como agente de um Reino que abrange todo o cosmo e toda a humanidade. No fim de Lucas e no início dos Atos, este Jesus entra na sua glória, para assumir funções e títulos divinos. Em Mateus, Jesus Ressuscitado envia os discípulos a uma missão de ensinar e de batizar, em nome dos três protagonistas da nossa salvação, ou seja, “do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19).

Semelhante aos sinóticos, a comunidade joanina tinha chegado ao reconhecimento de Jesus como uma pessoa divina. Mas esta comunidade percebia implicações cristológicas que não constam nos sinóticos. Assim, no Evangelho de João, o ponto de partida da cristologia não é experiência que Jesus teve ao ser batizado, nem é a concepção virginal de Jesus, como em Mateus e Lucas. Pois em João, este ponto de partida é nada menos do que a própria vida do Filho com o Pai, *antes* da criação do mundo.

A escola joanina chegou a entender que há uma *diferenciação de três protagonismos divinos* na obra da nossa salvação, porque há uma *diferenciação de três Pessoas* dentro da própria realidade de Deus! A realidade de Deus – sua própria Vida – consiste na perfeita comunhão de três Pessoas que participam integralmente da mesma condição divina. Assim, a realidade de Deus é *comunhão e partilha*. Mas são justamente estas as qualidades de um amor mais puro – amor que é ágape. Assim, podemos afirmar, como João o faz duas vezes, que “Deus é amor” (1Jo, 4,8.16b). *A dinâmica da sua vida*

é amor! Mais ainda: é amor que *transborda* na criação e na salvação de uma humanidade que é destinada a participar na Sua vida.

O ponto alto do Prólogo de João é o versículo 14: “O Verbo se fez Carne”. Já tendo agido na criação da *vida humana* (*psyké*), o Verbo se fez Carne para revelar a face do Pai que nos oferece a *vida divina* (*zōē*), que estava dentro dele (1,4; 3,15-16; 4,4-14; 5,24-25; 6,33.51.54.57; 7,39; 10,10; 11,25-26; 14,19-20; 20,31). Ao mesmo tempo que nos faz esta oferta, Jesus nos mostra como é que a vida divina se manifesta se nos abirmos a ela: torna-se um dinamismo de amor mais puro que nos faz doadores de mais vida aos nossos irmãos.

Somos a comunhão de fiéis que é a continuação do primeiro grupo de discípulos. Partilhamos com eles a sua visão do amor de Deus vivido no meio de nós na humanidade de seu Filho. No Evangelho de João, vemos Jesus em comunhão com seu Pai, traduzindo o amor do Pai em palavras e gestos que nos mostram como Deus é bom, dando mais vida humana a cada um que precisa dele. É a atuação de Jesus em favor de um casal de noivos ameaçados a passar vergonha; de um membro da elite que não tem paz; de uma samaritana desintegrada; de um paralítico acomodado; de uma multidão faminta; de um cego mendicante perceptivo; de uma família de bem que amava. Todo o tempo, é Jesus se dando em amizade aos seus discípulos. No fim da sua trajetória, vemos Jesus avançar para dentro da nossa miséria, no jardim, no processo diante do sumo sacerdote, no porão do palácio de Pilatos e, finalmente, na cruz. Era Jesus solidário com todos os injustiçados da história humana. Era a humanidade do Verbo entregue ao mundo, elevado na cruz, na ressurreição e na glória, para que nós tenhamos nele uma participação da vida que ele vivia com o Pai. Em tudo isso a comunidade joanina “contemplava” (1,39; 19,37) a transparência da glória do Filho unigênito de Deus.

Como religiosos, procuramos viver com a compaixão de Jesus, no meio do povo que nos cerca. Em grande parte, é um povo confuso, faminto, sofrido, desvairado, abandonado

e empobrecido, submetido aos horrores da violência e da morte. Enquanto isso, há pessoas que se deixam iludir pelas mentiras de um consumismo e um hedonismo desenfreados, sem se sentir solidárias com as multidões que não têm nem lar nem paz.

Levados pelo dinamismo do amor divino a viver na fidelidade aos nossos votos como resposta a Deus, sabemos que somos chamados a dar testemunho da comunhão entre as três pessoas divinas, através da nossa vida comunitária – um ideal que sempre nos desafia!

Mas, além de ser fraternas, nossas comunidades têm de ser voltadas para fora, no serviço das pessoas com as quais nos deparamos na missão a nós confiada. Na tentativa de fazer isso melhor, estudamos o carisma e a história da nossa Congregação para ver com clareza aonde o dinamismo de amor divino conduzia nossos fundadores e para discernir o caminho de um serviço generoso e corajoso hoje. Procuramos caminhar na luz do exemplo de muitos profetas e mártires do nosso tempo – Santo Alberto Hurtado; Dom Oscar Romero; Irmã Dorothy e tantos outros. A cristologia do Quarto Evangelho nos torna mais conscientes do exemplo do próprio Jesus, que vivia a compaixão divina do seu Pai. Ao mesmo tempo, nos tornou conscientes da força de vida que nos vem das entranhas de nosso Deus, para se tornar em nós a semente da vida divina, vivida com generosidade na nossa Congregação.

A dimensão interior da espiritualidade joanina

Até agora, consideramos a atuação conflituosa de Jesus na sua sociedade. Era Jesus e seu Pai realizando a obra da nossa salvação, nos atraindo a crer para termos a sua vida em nós. Vimos como o jeito de Jesus agir com total liberdade em prol dos necessitados causava conflitos numa sociedade na qual o andamento das instituições favorecia o bem-estar de uma pequena elite, seja em Jerusalém, seja em Roma. Mas

o que mais nos atrai é a contemplação do Verbo Encarnado nos acontecimentos da “sua hora”.

Tudo isso já vimos na reflexão sobre o Evangelho de João como fonte de uma espiritualidade libertadora. Então, o que ainda resta neste livro para alimentar tal espiritualidade?

Resta muito! Pois qualquer espiritualidade é autêntica à medida que nos conduz a um *conhecimento interior* – de nós mesmos, do mundo em que vivemos e do Deus que nos criou. E isso o Evangelho de João faz como nenhum outro.

Todas as grandes religiões ajudam seus fiéis a dirigir sua mente e seu coração a Deus, como ele é visto naquela tradição. Também as culturas milenares levam populações inteiras a terem uma experiência de um Deus bom, voltado para eles, como protetor e promessa de felicidade. Para nós cristãos, porém, há um conteúdo muito específico no nosso conhecimento de Deus. Pois, como vimos antes, Jesus nos revelou que Deus é comunhão de pessoas. Na verdade, toda a atuação dos três protagonistas divinos na história de Jesus tinha isso como finalidade: *que nós, seres humanos, entremos em relacionamento com cada uma das Pessoas Divinas, segundo a maneira com a qual cada uma atua em favor de nós!* Ou seja: uma experiência do Pai como fonte e princípio de tudo que há dentro de Deus e dentro do cosmo, e iniciador da nossa salvação; do Verbo Encarnado, como coagente do Pai na criação e, depois, como o Filho Amado que foi entregue ao mundo e que agora está no seio do Pai, intercedendo por nós; do Espírito Santo, o outro Paráclito, que pairava sobre a primeira criação e que nos vem “com tudo que é de Jesus e do seu Pai”, para nos vivificar com a vida de Deus.

Deus se revela ao ser humano em um número ilimitado de contextos, lugares e situações. É ele que inicia um relacionamento. Mas como seres inteligentes e livres, devemos nos abrir a esta iniciativa. Em São João, Jesus nos ensina a fazer isso de maneira muito concreta: “Observai os meus mandamentos; guardai a minha Palavra”.

No contexto do Evangelho de João, obedecer à Palavra de Jesus e seguir o seu exemplo significa se voltar a cada pessoa

necessitada, especialmente aos pequenos e rejeitados. Inclui também o compromisso no plano social, numa espiritualidade integralmente libertadora. Assim, implica todas as formas de amor que busca o bem-estar íntegro dos outros, incluindo a atuação da cidadania e da política, dirigidas ao serviço da justiça. Aqueles que fogem da luz e optam por tratar os outros como se fossem coisas a ser aproveitadas dentro das brechas de estruturas desumanas, fazem-se surdos aos apelos dos irmãos e não participam da experiência de Deus que João está descrevendo neste trecho (3,21; 8,43; 14,24). Precisa, antes de uma conversão. No capítulo 15,1-9, João nos mostra que o cumprimento desta condição sempre depende de Jesus: “Sem mim, nada podeis fazer”.

Uma vez que nós nos dispormos para o encontro com as Pessoas Divinas, o Pai toma a iniciativa, fazendo com que tenhamos uma experiência de uma ou outra destas Pessoas, ou de todas as três ao mesmo tempo – pois são sempre juntas na Única Divindade!

Primeiro, Jesus pede ao Pai, e este nos concede o “Espírito da Verdade” (14,16-17). Jesus diz que conheceremos este Espírito porque ele está *em nós*. Ou seja, o conheceremos por ele estar *atuando em nós*. Os leitores de João sabem o que consiste essa atuação: o Espírito da Verdade faz possível a nossa aderência à revelação que recebemos de Jesus e que nos vem através da Igreja. Ele conduz toda a Igreja a uma compreensão sempre maior da verdade que Jesus revelou – do Filho e do Pai que nos amam. Assim, na própria *convicção* que temos daquilo que a fé cristã nos apresenta, estamos “conhecendo o Espírito da Verdade que está dentro de nós”; estamos experimentando a sua atuação dentro de nós! A comunidade joanina sabe que é obra do Espírito Santo. É a comunhão de fé que enxerga “a glória do Filho Unigênito” em Jesus de Nazaré. Mais adiante, nos capítulos 15 e 16, João continuará a ajudar-nos a reconhecer o papel que o Espírito Santo cumpre em nós. Vai nos ensinar a entrar *em diálogo* com este Espírito, por desenvolver uma maior sensibilidade às maneiras pelas quais ele nos conduz a uma maior compreensão daquilo que acreditamos, e a um

discernimento da vontade do Pai para nós e para nossa comunidade de fé.

A segunda experiência que João descreve nos versículos 17-21 é do próprio Jesus, agora Ressuscitado dos mortos. No versículo 19, Jesus diz que os seus *discípulos* o verão de novo – uma referência às aparições dele ressuscitado, que serão descritas nos capítulos 20 e 21 do Evangelho. Nestas aparições, os *discípulos* experimentarão a sua comunhão com Jesus Ressuscitado e com seu Pai (14,20). Mas não somente eles! Nos versículos 21-22, Jesus diz que seu Pai amará a *qualquer um* que obedece ao seu mandamento; e Jesus promete que ele “se manifestará” àquela pessoa, na qualidade de amigo! É Jesus Glorioso, desejando ter conosco um relacionamento de amizade semelhante àquela do Discípulo Amado com o Mestre! Como é preciosa esta experiência; pois polariza a nossa afetividade em Jesus e serve de defesa contra os contínuos assaltos que a cultura da globalização faz, especialmente nesta área da nossa afetividade. Por outro lado, enriquece o nosso relacionamento com pessoas dos dois sexos e nos faz crescer na gratuidade. Como devemos investir tempo na silenciosa contemplação de Jesus “se manifestando” a nós e ensinar os nossos jovens a abrir-se a este encontro com ele!

A terceira experiência das Pessoas Divinas é, na realidade, a mais profunda! *Se trata de experimentarmos a presença do Filho e do Pai, vivendo a sua comunhão de amor dentro de nós!* Cada um dentro do outro, e o Espírito Santo dentro dos dois, fazendo de nós sua “moradia”. Fazendo-nos conscientes da sua presença, como de hóspedes divinos acolhidos por nós com todo amor e gratidão de que somos capazes. Nesta experiência, adentramos na ternura do Filho no seio do Pai! Com eles, voltamos um olhar terno aos nossos irmãos e irmãs, como é o olhar deles para conosco!

Finalmente, seria bom notar como João continua a mostrar o Pai como fonte e princípio de toda essa riqueza de amor que nos é dirigida. João salienta isso de tal maneira, que menciona o Pai vinte e três vezes no capítulo 14, e mais vinte e sete vezes até o fim de capítulo 17.

Viver um relacionamento dialogal com as Pessoas Divinas é a herança de cada fiel. Não é um privilégio reservado para uma elite de “místicos”. Ao contrário, é acessível a todos aqueles que são sinceros sobre a sua fé, mesmo sendo ainda limitados, imperfeitos e pecadores! Acessível a cada religioso que é sério sobre sua vocação!

Taxar esta dimensão da espiritualidade joanina como sendo “intimista demais”, ou ignorá-la na formação dos nossos jovens, seria privar a nós e a eles de uma riqueza que Deus nos oferece, para que nosso relacionamento com ele seja mais humano e profundo! Sabemos como ela é uma experiência que tem de ser nutrida com muita oração, para se tornar, eventualmente, o pano de fundo do nosso no correr-corre diário no serviço da vida mais plena deste mundo que Deus ama. Como os Evangelhos Sinóticos, João nos ensina uma espiritualidade trinitária e libertadora que nos faz voltar a Jesus histórico e, ao mesmo tempo, viver com ele e o Pai, seguindo o dinamismo do seu Espírito.

Questões para a reflexão individual e comunitária

1. Em que podemos particularizar o Evangelho de João em relação aos sinóticos?
2. Qual o perfil de Jesus que João nos apresenta?
3. Quais são os desafios e interpelações que o Jesus de João lança a seus seguidores?
4. Que aspectos podemos destacar da espiritualidade joanina?